



SENADO FEDERAL

PARECER Nº 766, DE 2006

Da COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, sobre o Projeto de Lei do Senado nº 340, de 2005, de autoria do Senador Pedro Simon, que Institui a Semana Nacional de Prevenção da Violência na Primeira Infância.

RELATORA: Senadora **PATRÍCIA SABOYA GOMES**

RELATORA "AD HOC": Senadora **ÍRIS DE ARAÚJO**

I – RELATÓRIO

Chega ao exame da Comissão de Educação (CE), em decisão terminativa, o Projeto de Lei do Senado (PLS) nº 340, de 2005, de autoria do Senador PEDRO SIMON, que propõe, em seu art. 1º, a instituição “da Semana Nacional de Prevenção da Violência na Primeira Infância, a ser celebrada anualmente entre os dias 12 e 18 de outubro, com o objetivo de conscientizar a população brasileira sobre a importância do período entre zero a 6 anos para a formação de um cidadão mais apto a convivência social e à cultura da paz”.

O parágrafo único do referido art. 1º, determina que “na Semana Nacional de Prevenção da Violência na Primeira Infância serão desenvolvidas atividades pelos setores públicos, juntamente com as entidades da sociedade civil, visando o esclarecimento e a conscientização da comunidade sobre as verdadeiras causas da violência e suas possíveis soluções”.

Não foram apresentadas emendas.

II – ANÁLISE

No âmbito da prevenção e punição da violência contra menores de idade, destacamos a Lei nº 8.069, de 1990, o chamado Estatuto da Criança e do Adolescente, que dispõe sobre a proteção da criança e do adolescente contra qualquer forma de maus-tratos. É importante observar que o referido documento legal determina penalidades não apenas para aqueles que praticam o ato violento, mas também pune aqueles que não o denunciam.

Destacamos sobremaneira o art. 5º do referido Estatuto, que determina: “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”.

Entretanto, a existência de legislação específica não implica por si mesma na solução de um problema social. De acordo com as notificações dos pólos de prevenção instalados em diversos bairros paulistanos, pelo Laboratório de Estudos da Criança (Lacri), do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, em cada dez crianças brasileiras, três sofreram algum tipo de violência dentro da própria casa. Só no ano de 2004, foram notificados 19.552 casos de violência domiciliar (física, sexual, psicológica, fatal e decorrente de negligência). Com os dados coletados, foi possível estabelecer de forma clara o aumento da violência, tendo o número de casos notificados passado de 1.100, em 1996, para quase 20 mil/ano em 2004.

Levantamento realizado pela Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina – entre 1995 e 1998, no Hospital Vila Maria, revelou que mais de 60% dos casos de maus-tratos identificados em internações de menores na instituição envolviam crianças com menos de um ano e que cerca de 30% das crianças menores de dois anos, que apresentam lesões como fraturas e queimaduras, sofreram maus-tratos, na maioria das vezes causados pelos pais ou responsáveis.

Segundo o Ministério da Saúde, em 2002, as violências e acidentes juntos constituem a segunda causa de óbito no quadro de mortalidade geral brasileira e atingem toda infância e adolescência, uma vez que, nas idades de um a nove anos, 25% das mortes são devidas a estas causas, e, de cinco a dezenove anos, é a primeira causa entre todas as mortes ocorridas nesta faixa etária.

Um dado alarmante é que os pais, vítimas de violência doméstica quando crianças, reproduzem nos filhos o mesmo quadro vitimizador. Para quebrar esse círculo vicioso é necessária uma atuação vigorosa do governo e da sociedade, tanto no tratamento dos agressores quanto na prevenção e cuidados médicos às vítimas, considerando não apenas os traumatismos físicos, mas também as seqüelas psicológicas decorrentes da violência.

III – VOTO

O Projeto de Lei do Senado nº 340, de 2005, apresenta inegável mérito e, embora atenda aos pressupostos de constitucionalidade e juridicidade e, para aperfeiçoar a técnica legislativa, recomendamos sua aprovação, nos termos da seguinte emenda:

EMENDA Nº 1 – CE

Dê-se ao Parágrafo único do art. 1º do PLS nº 340, de 2005 e seguinte redação:

“Art. 1º

.....
Parágrafo único. Na Semana Nacional de Prevenção da Violência na Primeira Infância, serão desenvolvidas atividades **pelo setor público**, juntamente com as entidades da sociedade civil, visando o esclarecimento e a conscientização da comunidade sobre as verdadeiras causas da violência e suas possíveis soluções.

Sala da Comissão, 6 de junho de 2006.

Acite , Presidente *Constitucional*
Senador Roberto Saturni
Patricia Saboga Gomes, Relatora
Sen. de Araújo
Relatora ad hoc: Senadora Iris de Araújo

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO

**ASSINAM O PARECER AO PLS Nº 340/05 NA REUNIÃO DE 06/06/05
OS SENHORES SENADORES:**

PRESIDENTE EVENTUAL:

Acelle (Senador Roberto Saturnino)

BLOCO DA MINORIA (PFL E PSDB)

DEMÓSTENES TORRES	1- ROSEANA SARNEY
JORGE BORNHAUSEN	2- JONAS PINHEIRO
JOSÉ JORGE	3- CÉSAR BORGES
MARIA DO CARMO ALVES	4- CRISTOVAM BUARQUE
EDISON LOBÃO	5- MARCO MACIEL
MARCELO CRIVELLA	6- ROMEU TUMA
MARCOS GUERRA	7- EDUARDO AZEREDO
JUVÊNCIO DA FONSECA	8- SÉRGIO GUERRA
LEONEL PAVAN	9- LÚCIA VÂNIA
(VAGO)	10- JOÃO BATISTA MOTTA

PMDB

WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA	1- AMIR LANDO
GILVAM BORGES	2- GARIBALDI ALVES FILHO
VALDIR RAUPP	3- (VAGO)
ÍRIS DE ARAÚJO	4- GERALDO MESQUITA
SÉRGIO CABRAL	5- MÃO SANTA
JOSÉ MARANHÃO	6- LUIZ OTÁVIO
NEY SUASSUNA	7- ROMERO JUCÁ
GILBERTO MESTRINHO	8- (VAGO)

BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PSB E PL)

AELTON FREITAS	1- (VAGO)
PAULO PAIM	2- ALOÍZIO MERCADANTE
FÁTIMA CLEIDE	3- FERNANDO BEZERRA
FLÁVIO ARNS	4- ANTONIO JOÃO
IDELI SALVATTI	5- ANTÔNIO CARLOS VALADARES
ROBERTO SATURNINO	6- MAGNO MALTA
MOZARILDO CAVALCANTI	7- PATRÍCIA SABOYA GOMES RELATORA
SÉRGIO ZAMBIASI	8- JOÃO RIBEIRO

PDT

AUGUSTO BOTELHO	1- (VAGO)
-----------------	-----------

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO

LISTA DE VOTAÇÃO NOMINAL

PLS

340 / 2005

TITULARES - BLOCO DA MINORIA (PFL E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - BLOCO DA MINORIA (PFL E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
DENOSTENES TORRES					ROSEANA SARNEY				
JORGEBORNHAUSEN					JONAS PINHEIRO				
JOSÉ JORGE	X				CÉSAR BORGES				
MARIA DO CARMO ALVES					CRISTOVAM BUARQUE	X			
EDISON LOBÃO	X				MARCOS MACIEL	X			
MARCELO CRIVELLA	X				ROMEU TUMA	X			
MARCOS GUERRA	X				EDUARDO AZEREDO	X			
JUVÊNCIO DA FONSECA					SÉRGIO GUERRA				
LEONEL PAVAN					LÚCIA VÂNIA	X			
VAGO					JOÃO BATISTA MOITA	X			
TITULARES - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA					AMIR LANDO				
GILVAM BORGES					GARIBALDI ALVES FILHO				
VALDIR RAUPP	X				VAGO				
IRIS DE ARAÚJO	X				GERALDO MESQUITA				
SÉRGIO CABRAL					MÃO SANTA				
JOSÉ MARANHÃO					LUIZ OTÁVIO				
NEY SUASSUNA					ROMERO JUCA				
GILBERTO MESTRINHO					VAGO				
TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PSB E PL)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PSB E PL)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
AELTON FREITAS					VAGO				
PAULO PAIM					ALOIZIO MERCADANTE				
FATIMA CLEIDE					FERNANDO BEZERRA				
FLÁVIO ARNS	X				ANTONIO JOÃO				
IDELI SALVATTI	X				ANTÔNIO CARLOS VALADARES	X			
ROBERTO SATURNINO					MAGNO MALTA				
MOZARILDO CAVALCANTI					PATRICIA SABOYA GOMES				
SÉRGIO ZAMBIASI					JOÃO RIBEIRO				
TITULAR - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
AUGUSTO BOTELHO					VAGO				

TOTAL: 16 SIM: 15 NÃO: ~ ABS: ~ AUTOR: ~ PRESIDENTE: 01

SALA DAS REUNIÕES, EM 06 / 06 / 2006

SENADOR ROBERTO SATURNINO
Presidente Eventual da CE

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO

LISTA DE VOTAÇÃO NOMINAL

PLS 340/2005 EMENDA

TITULARES - BLOCO DA MINORIA (PFL E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - BLOCO DA MINORIA (PFL E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
DEMÓSTENES TORRES					ROSEANA SARNEY				
JORGE BORNHAUSEN					JONAS PINHEIRO				
JOSE JORGÉ	X				CÉSAR BORGES				
MARIA DO CARMO ALVES					CRISTOVAM BUARQUE	X			
EDISON LOBÃO	X				MARCOMACIEL	X			
MARCELO CRIVELLA	X				ROMEUTUMA	X			
MARCOS GUERRA	X				EDUARDO AZEREDO	X			
JUVÊNCIO DA FONSECA					SERGIO GUERRA				
LEONEL PAVAN					LÚCIA VÂNIA	X			
VAGO					JOÃO BATISTA MOTTA	X			
TITULARES - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA					AMIR LANDO				
GILVAM BORGES					GARIBALDI ALVES FILHO				
VALDIR RAUPP	X				VAGO				
IRIS DE ARAÚJO	X				GERALDO MESQUITA				
SERGIO CABRAL					MÃO SANTA				
JOSE MARANHÃO					LUIZ OTÁVIO				
NEY SUASSUNA					ROMERO JUCA				
GILBERTO MESTRINHO					VAGO				
TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PSB E PL)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PSB E PL)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
AELTON FREITAS					VAGO				
PAULO PAIM					ALOIZIO MERCADANTE				
FÁTIMA CLEIDE					FERNANDO BEZERRA				
FLÁVIO ARNS	X				ANTONIO JOÃO				
IDELI SALVATI	X				ANTÔNIO CARLOS VALADARES	X			
ROBERTO SATURNINO					MAGNO MALTA				
MOZARILDO CAVALCANTI					PATRICIA SABOYA GOMES				
SERGIO ZAMBIASI					JOÃO RIBEIRO				
TITULAR - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
AUGUSTO BOTELHO					VAGO				

TOTAL: 16 SIM: 15 NÃO: - ABS: - AUTOR: - PRESIDENTE: 01

SALA DAS REUNIÕES, EM 06/06/2006

SENADOR ROBERTO SATURNINO
Presidente Eventual da CE

TEXTO FINAL

PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 340, DE 2005

*Institui a Semana Nacional de Prevenção da
Violência na Primeira Infância.*

O CONGRESSO NACIONAL decreta:

Art 1º Fica instituída a Semana Nacional de Prevenção da Violência na Primeira Infância, a ser celebrada anualmente entre os dias 12 e 18 de outubro, com o objetivo de conscientizar a população brasileira sobre a importância do período entre 0 e 6 anos para a formação de um cidadão mais apto à convivência social e à cultura da paz.

Parágrafo único. Na semana Nacional de Prevenção da Violência na Primeira Infância, serão desenvolvidas atividades **pelo setor público**, juntamente com as entidades da sociedade civil, visando o esclarecimento e a conscientização da comunidade sobre as verdadeiras causas da violência e suas possíveis soluções.

Art. 2º Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação

Sala da Comissão, em 06 de junho de 2006.



Senador Roberto Saturnino,
Presidente Eventual da Comissão de Educação

Senadora Patrícia Saboya Gomes, Relator

Relatadora
Relatadora Senadora Patrícia Saboya Gomes

Of. nº 6.178/2006.

Brasília, 06 de junho de 2006.

Senhor Presidente,

Nos termos do parágrafo 2º, do artigo 91, do Regimento Interno do Senado Federal, comunico a Vossa Excelência que esta comissão deliberou, em caráter terminativo, em reunião realizada nesta data, pela aprovação do Projeto de Lei do Senado nº 340, de 2005, de autoria de Sua Excelência o Senhor Senador Pedro Simon que, “Institui a Semana Nacional de Prevenção da Violência na Primeira Infância”, com a emenda oferecida.

Atenciosamente,



Senador ROBERTO SATURNINO

Presidente Eventual da Comissão de Educação

LEGISLAÇÃO CITADA ANEXADA PELA SECRETARIA-GERAL DA MESA

LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990.

Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

.....
Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.
.....

**DOCUMENTOS ANEXADOS PELA SECRETARIA-GERAL DA MESA,
NOS TERMOS DO ARTIGO 250, PARÁGRAFO ÚNICO, DO REGIMENTO
INTERNO.**

**17ª REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DA COMISSÃO DE EDUCAÇÃO E 16ª REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DA
COMISSÃO DE ASSUNTOS SOCIAIS DA 4ª SESSÃO LEGISLATIVA ORDINÁRIA DA 52ª LEGISLATURA.
REALIZADA NO DIA 30 DE MAIO DE 2006.**

AUDIÊNCIA PÚBLICA

SR. PRESIDENTE JUVÊNCIO DA FONSECA (PSDB-MS): Há número legal. Dou por aberta a 17ª Reunião Extraordinária da Comissão de Educação em conjunto com a 16ª Reunião Extraordinária da Comissão de Assuntos Sociais da 4ª Sessão Legislativa Ordinária da 52ª Legislatura.

A Reunião de hoje está destinada a uma Audiência Pública. Requerimento da ilustre Senadora Patrícia Saboya Gomes e da ilustre Senadora Fátima Cleide, para análise do Projeto de autoria do Senador Pedro Simon. Instruir o Projeto do Senador Pedro Simon de nº. 340 de 2005, que institui a Semana Nacional de Prevenção da Violência da Primeira Infância.

Os convidados para essa Audiência Pública são: O Dr. Laurista Corrêa filho, Pediatra e Neonatologista com o tema "Importância da Perinatalidade na Prevenção da Violência".

Dois. Dr. Salvador Célia, Psiquiatra e Presidente da Federação Latino-Americana de Psiquiatria da Infância, Família e Profissões Afins. Tema: "Apego, resiliência e prevenção da violência".

Três. Dr. Antônio Márcio Lisboa, Pediatra e Professor Titular de Pediatria da Universidade de Brasília, tema: "Prevenção da violência".

Antes de conceder a palavra a cada um dos palestrantes, eu gostaria de agradecer a presença entre nós do Deputado Osmar Terra do PMDB do Rio Grande do Sul, da Deputada Estadual Iraê Lucena do PMDB da Paraíba. E também a representante da Ministra Nilcéia Freire, Secretária Especial de Políticas para as Mulheres, Srª. Ana Paula Gonçalves. Nós agradecemos a presença de todos os Senhores.

O Projeto de autoria do Senador Pedro Simon que está chegando a nossa reunião, é que instituiu a Semana Nacional de Prevenção da Violência na Primeira Infância, a ser celebrada anualmente entre os dias 12 e 18 de outubro, com o objetivo de conscientizar a população brasileira sobre a importância do período entre zero e seis anos, para a formação de um cidadão mais apto à convivência social e a cultura da paz.

Antes de nós passarmos ainda a palavra aos convidados, nós gostaríamos de justificar, não justificar, mas que estariam presentes aqui hoje, nesta reunião, a escritora novelista Glória Peres e a atriz Marisa Orth. Justificaram que não puderam estar presentes, e inclusive a atriz Marisa Orth nos encaminhou uma justificativa onde ela se expressa em pequeno trecho da seguinte maneira. "Como se pode ver no Projeto de Lei não se trata só de mais uma seqüela da nossa má distribuição de renda e conseqüentes mazelas da educação que nos levam um quadro por vezes catastrófico e muitas vezes irreversível na formação dos nossos futuros representantes. Mesmo nas camadas ditas mais favorecidas e supostamente mais informadas, encontram-se inúmeros casos de violência à integridade dos menores". E ainda queremos dar ciência que amanhã teremos também uma Audiência Pública, o tema é "A música no contexto nacional". Autoria do Requerimento Senador Sérgio Cabral. Onde serão ouvidos, Fernanda Abreu, cantora e compositora, Egeu Lau Simas(F), Coordenador da Rede Social da Música, Sidnei Bonfim de Jesus, Presidente dos Sindicatos dos Músicos da Bahia, Alexandre Rê de Negreiro, Mestre em Etnomusicologia e Cristina Gomes Saraiva, Coordenadora do Núcleo Independente de Música do Rio de Janeiro, Ricardo Bren, compositor e arranjador.

Amanhã Audiência Pública aqui na Comissão. Confirmar as presenças para assistir a Audiência Pública, os cantores Gabriel o pensador, Cláudio Nuce, Fernanda Abreu, expositora, Leni Andrade, Léia Pinheiro, Alaíde Costa e Celso Viáfara e o cantor Ivan Lins.

Com a palavra, inicialmente do nosso convidado Dr. Laurista Corrêa Filho, Pediatra e Neonatologista com o tema, "A importância da perinatalidade na prevenção da violência". Nós teremos um prazo Dr. Laurista de 20 minutos para que possamos ter tempo de ouvir os demais palestrantes. Com a palavra Dr. Laurista.

DR. LAURISTA CORRÊA FILHO: Bom-dia a todos. Gostaria, em primeiro lugar, de agradecer o convite e participar dessa importante reunião, e lembrar um pouco do que para nós, há uma certa confusão, as pessoas que lêem, é a importância da primeira infância, ou seja, de zero a seis que para nós já não é mais de zero a seis, porque a vida começa um pouco antes como a gente vai ver e que todos sabem.

Então, é a importância desse período da vida na prevenção da violência.

Então, nos últimos 20, 25 anos, o que nós vimos? Uma profusão de publicações e se a gente fosse colocar aqui, nós íamos passar o dia todo vendo essas publicações que se referem às pesquisas que foram efetuadas.

SR. PRESIDENTE JUVÊNCIO DA FONSECA (PSDB-MS): Dr. Laurista, eu avisei no início que o Presidente é Virginiano. Detalhista. [risos]

DR. LAURISTA CORRÊA FILHO: Mas o microfone é baiano. Vamos repetir porque estão gravando.

Então, nós falávamos que o importante é saber a importância da primeira infância, ou seja, de zero a seis e que para nós e para a maioria das pessoas que estão nesse campo estudando é antes do zero. O zero, porque primeiro na gramática o zero não existe. E para nós também a vida começa antes do nascimento.

Então, nós dizíamos que a importância dessa fase da vida na prevenção da violência. E não a violência que muitos confundem a violência nessa faixa etária.

Então, uma vez esclarecido isso, nós então falávamos de a profusão que houve no final do Século 20 das publicações que eram frutos das pesquisas. Como vocês sabem, as pesquisas são realizadas e demoram muito tempo. Esse é um dos livros mais importantes sobre a vida fetal, o desenvolvimento fetal é um grupo da Inglaterra, da França e dos Estados Unidos que fala, praticamente, tudo que acontece antes do nascimento.

Então, essas pesquisas, quando são passíveis de serem feitas em humanos, são feitas em humanos como todos sabem, e as que não são, são nos outros mamíferos que são os nossos outros irmãos.

Então, houve essa profusão no final do século XX e veio nos esclarecer.

Bom, o artista, ele vai sempre, tem a maior sensibilidade, ele vai sempre na frente às vezes do cientista. Esse quadro é um quadro de um artista de Brasília, que é a Juliana, e que ela está, todo mundo pode ver, você tem o homem que comeu um pedacinho da maçã passou ao pominho de Adão e a mulher. E os dois já estão pensando em uma energia muito importante que é um bebê. Aqui ela simbolizou como o tal, a energia, o símbolo do tal.

Então, a vida começa aí, antes mesmo da concepção. Já está na cabeça das pessoas ou não. Normalmente, esse é o esquema, quando se fala de mortalidade, sobretudo, na infância.

Então, é o esquema que é dividido, que é aceito pela Organização Mundial da Saúde a respeito da divisão.

Então, você tem a mortalidade fetal, depois a perinatal, que nos interessa, essa fase da vida, oficialmente, é um período que vai da 22ª semana até os primeiros sete dias de vida. Quando se fala nesses aspectos psicoafetivos e que se fala na primeira infância, essa parte do perinatal já não é bem nesse esquema. Considera-se e as pessoas que tem maior estudo, o Prof. Philip Maze(F) da França que escreveu o livro "Psiquiatria Perinatal" com outros colaboradores, ele disse que vai da concepção até os 18 meses.

Então, essa é a faixa da perinatalidade.

A tecnologia vem nos ajudar. Então, além dos artistas que nós vamos ver aqui muitos participam nessa nossa evolução a ultra-sonografia. Que isso aqui ainda é uma ultra-sonografia fetal e um pouco antiga. Mas que a gente já pode ver.

Então, nós começamos a visualizar este ser, este bebê humano já na sua evolução. Aí, vocês viram, da última semana a "Veja", o fotógrafo Lennart Nilson que fotografou o feto dentro do útero e toda a evolução desde o espermatozóide, o óvulo, com a tecnologia ajudando um pouco mais a gente compreender.

Bom, o que é muito importante que a gente saiba nessas pesquisas é que o cérebro humano, nós vamos ver todos, bebê humano em qualquer lugar do mundo, ele nasce com cem bilhões de neurônios que são produzidos na maior parte, antes da 20ª semana de gestação. Para lembrar a gestação tem em torno de 40 semanas. Então, na metade da gestação o cérebro já está, nós temos uns cem bilhões. Estão achando que é um pouquinho mais, que o homem talvez tenha um pouquinho mais, por isso que ele é mais neurótico, mas quase todos os neurônios já concluíram a sua migração antes do nascimento.

Então, esse é a preparo do bebê para a grande jornada que ele vai ter. Porque ele migra, ele está num patamar que ele vai ter que subir para o córtex. Uma vez nos locais definitivos, especializam-se. Frequentemente se associam a outros neurônios parecidos para formar uma rede, isso é muito importante. Esses circuitos têm um papel crucial que vai permitir e contornar esses processos cognitivos e as diversas funções.

Bom, então essa construção, ela tem início na quinta semana de gestação. Para vocês lembrarem, quatro semanas, um mês, então o bebê está menor, o embrião ainda está menor do que uma unha. E nós já temos o início essa gestação. A produção de neurônios atinge seu máximo entre 12ª e 16ª semana, ou seja, quatro meses. Quando a mamãe já está percebendo os movimentos, esse bebê já está atingindo o máximo da produção de neurônios. O ritmo de produção de neurônios é em torno de cinco mil por segundo. Tudo isso para a gente vê, para a gente perceber um pouco mais a importância desse período da vida. O peso do cérebro do recém-nascido de termo, que chegou no seu termo, tem em média 330 gramas. Então o cérebro do bebê humano, ele nasce pronto, mas inacabado. Quem vai acabar esse cérebro é toda a carga genética que ele tem e esse ambiente que ele vai encontrar. No adulto, 1.400 gramas, ou seja, o aumento de quatro vezes, porque vão ter as comunicações entre os neurônios, são as sinapses que todos vocês sabem. Elas vão se conectar.

Então, situam-se entre as três causas principais de debilidade mental e distúrbios do desenvolvimento. As grávidas que consomem cocaína, o feto não consegue eliminá-la, acumula mais do que a mãe. No feto normal, o local de migração final, é cuidadosamente programado geneticamente para formar camadas sucessivas do córtex. Há uma perturbação nessa programação devido a cocaína e muitos neurônios drogados, eles se enganam de camada. Invés de ele chegar aquele ponto que ele deveria chegar, ele não chega. No Brasil, não há estudos sobre o fato. Nos Estados Unidos, nas grandes cidades, 15% das mulheres grávidas utilizam cocaína. O alcoolismo fetal universalmente, então que ocorre em todo o mundo, não é um fenômeno raro, isso nós sabemos. Programa de detecção precoce no pré-natal, rede social de apoio, prevenção para gestações posteriores evitar a culpabilidade excessiva da mãe. Essa rede que teria que funcionar.

De 20 a 40 semanas, de vida intra-uterina, a maior parte dos neurônios é formada e já está no local apropriado.

Então, até a metade da gestação essa é a formação. E a partir da 20ª semana, até o termo, ela já está todo prontinho. O desenvolvimento, crescimento e diferenciação ocorrem após o nascimento. A minha diferenciação, que seria assim, a capa que vem... A célula nervosa que vai encapar, digamos assim, ela começa antes do nascimento, sobretudo, ao nível do sistema estato-acústico e as raízes motoras.

Cada neurônio, ele recebe de mil a dez mil sinapses, vai se conectar com outros neurônios. Quer dizer, em um centímetro de córtex, nós temos cem mil neurônios e um bilhão de sinapses para vocês verem o que isso vai acontecer. E o que sabia-se das pesquisas anteriores, o que o pessoal sabia até antes dessa reunião que originou esse livro que é o "Repensando o cérebro", o que se sabia? Como um cérebro se desenvolve, depende dos genes com os quais se nasce, esse era o pensamento antigo. O pensamento novo, como um cérebro desenvolve depende de uma complexa interação entre os genes com os quais se nascem e as experiências que se tem. Vamos ver a importância disso, onde vai gerar, onde estão as raízes da violência. As experiências que se tem, antes dos três anos de idade, exerce um impacto limitado no desenvolvimento posterior do cérebro. Não, o novo. As experiências iniciais ajudam a formar a arquitetura cerebral e na natureza, e extensão das capacidades adultas. Uma relação segura, com um cuidado principal, cria um contexto favorável para o desenvolvimento e aprendizado iniciais. O pensamento novo, as interações iniciais não apenas criam um contexto, elas afetam diretamente a forma como o cérebro se desenvolve. O desenvolvimento cerebral é linear, a capacidade do cérebro aprender, a mudar aumenta de modo regular a medida que um bebê progride em direção a idade adulta. O desenvolvimento cerebral não é linear. Há períodos preciosos que são chamados janelas para adquirir diferentes tipos de conhecimentos e habilidades que é justamente nessa formação do cérebro de zero a seis anos.

E mais ainda, esses 152 cientistas que se reuniram em Chicago 1996 puderam fazer o [inaudível] e a densidade da sinapse ao nascer, veja, pouquíssimas sinapses. Seis anos de idade, a quantidade de sinapses. Depois chega com dez anos, há uma poda. Esses são os circuitos neurais que se formam. Que se tiverem um bom início, esses primeiros seis anos, sem falar já na vida uterina, nós vamos ter uma pessoa que está se desenvolvendo normalmente, um cérebro sadio.

Então, 20 semanas de gestação, nós estamos na metade, o cérebro está pronto. Peso do cérebro: 100 gramas. Ao nascimento 400 gramas, 330, 400 gramas, em torno disso. Veja, 18 meses, um ano e meio, 800 gramas. Já tem o dobro do nascimento devido aquelas sinapses, aquelas conexões que nós tivemos. Com três anos, 1.100 gramas, depois de três anos até a fase adulta apenas 300 gramas. É para ver o quê? A importância desse período.

Então, a organização do cérebro ela é única e pessoal, o resultado reflete as alterações constantes após a concepção entre herança genética e ambiente. Há a possibilidade de ser beneficiado ou vítima.

Então, vai ser uma pessoa sadia e vai transmitir coisas boas ou vai ser um marginal. A competência dos bebês. O bebê tem seis minutos de vida, ele está pronto já para interagir. Ele nasce pronto para interagir, porque ele tem um treinamento intra-uterino. O bebê, tem um pouco de luz, mas dá para ver o olhar o bebê logo após o nascimento já está mamando no seio e ele olhando esse olhar sedutor que permitiu que os bebês nosso morressem mais, que o ser humano deixasse de morrer, porque era comido ou pelos próprios pais ou a tribo que estivesse ao lado. Esse olhar é o olhar, não é olhar visão, porque ele vê pouco, mas é o olhar sortilégio, é o olhar que seduz é o olhar que permitiu o ser humano não morrer mais.

Aqui, então, ele é capaz, ele é competente, ele está olhando e está imitando, ele imita. Agora, temos que apagar um pouco a luz. Nessa mesma reunião de Chicago, então, foram apresentadas...

SR. PRESIDENTE JUVÊNCIO DA FONSECA (PSDB-MS): Doutor, nós temos um probleminha de iluminação para a Câmara.

DR. LAURISTA CORRÊA FILHO: Para o pessoal acreditar, mas dá para ver alguma coisa aí. Essa é uma tomografia, uma Emissão de Pósitron, é a PET. O Comitê Internacional tem a permissão de fazer as pesquisas em órfãos num orfanato da Romênia.

Então, olha o cérebro que ele pode ver com a Tomografia com a Emissão de Pósitron. Aqui é um cérebro normal e aqui nós vemos. O que está em vermelho e amarelo, tem ótima atividade. A gente sabe que os globos frontais e temporais têm muito a ver com as nossas emoções.

Então, a gente vê no cérebro normal muito vermelho e amarelo. E olha aqui um cérebro de uma criança que não tem interação que foi privada dessa interação ou foi malfeita.

Então, nós vimos o buraco, é praticamente um buraco negro, é isso que nós vemos o desenvolvimento anormal.

Bom, aqui para citar, num estudo finlandês, 11 mil mulheres grávidas em 1966, no sexto ou sétimo mês de gravidez. Se a gravidez era desejada, fora de área ou mal desejada ou indesejada. O risco de aparecimento, 11 mil mulheres. E o aparecimento de esquizofrenia, significava um índice mais alto entre bebês nascidos das mães do grupo de gravidez indesejada. A esquizofrenia, como sabem, é um dano na capacidade de amar. A personalidade está separada do seu ambiente. Esse outro estudo de Jacob e Bitchman(F) os cuidados obstétrico e predisposição da prole ao suicídio em adultos. Estudo do registro de parto de 412 casos forenses vítimas de suicídio. Comparação com 2.901 controles, que é muito, né? Mais de sete vezes. Suicídios que envolviam asfixia, fortemente associado com asfixia no parto. Suicídios através de meios violentos, associados com parte difíceis do ponto de vista mecânico. Antecedentes de 200 viciados em opíacos nascidos em Estocolmo entre 45 e 1966, e não viciados como controles. Se a mãe recebeu determinados analgésicos durante o trabalho de parto, a criança com maiores riscos de se tornar viciada em drogas na adolescência. Lee Salquin(F) em 85, Universidade de Nova Iorque, antecedentes de 52 vítimas de suicídios em adolescentes, antes de completarem os 20 anos. Comparados com 104 controles, um dos principais fatores de risco para se cometer suicídio na adolescência, criança que teve que ser ressuscitada ao nascimento. Mais estudo, da universidade de Los Angeles, 4.629 sujeitos masculinos nascidos no mesmo hospital, em Copenhague, principal fator de risco para se tornar um criminoso violento aos 18 anos, associação de complicações no parto e, o mais importante, separação precoce ou rejeição pela mãe. Separação e a rejeição precoce, isso sozinho, por si só, não era um fator de risco. Joufre(F) estudou muito esse tipo de acontecimento, relação entre ligação fraca. Ligação fraca é o vínculo, esse apego que se faz no início da vida, nesses primeiros seis anos, para não falar no vínculo pré-natal.

Então, ligação fraca e violência. Cuidadores principais estavam emocionalmente indisponíveis nos primeiros anos de vida. Mais problemas de conduta na infância e da adolescência. Em todas as culturas, onde a ligação foi estudada, a ligação bloqueadora da ansiedade que resulta persistente falta de responsabilidade da falta do cuidador principal, pode efetivamente tornar uma criança propensa à violência. Experiências precoces de trauma ou abuso no útero ou após o nascimento, podemos interferir no desenvolvimento das áreas subcortical e límbicas do cérebro, é onde está a informação que vai ser tratada, extrema ansiedade e depressão de estabelecer ligações saudáveis com os outros.

O fato de uma criança estabelecer ligações seguras depende da qualidade de cuidado que recebe. Crianças que sofrem abuso ou negligência provavelmente não desenvolverão uma ligação segura com os seus cuidadores. Tanto a qualidade do cuidador quanto a segurança da ligação vai exercer uma influência na posterior capacidade da criança para a empatia e o controle emocional e comportamental. Ashley Montagu escreveu o livro "Tocar". É um calhamaço. Ele falou, "A necessidade primordial do recém-nascido é a necessidade de amar, não apenas ser amado, mas de ser capaz de amar".

Esse gráfico é modificado pelo Prof. Vital Lidonê(F) que é um educador, e que foi modificado. A Maria Helena que trabalhou nessa área de educação da primeira infância, mostra o IBGE de 2000, exatamente, o que acontece a essa disparidade no atendimento. O atendimento quando, ao nascimento, a parte de saúde é quase que 100%, um pouquinho mais de 90%, porque os partos são institucionalizados, e a educação é zero. Eles só vão se encontrar lá pelo quinto, para o sexto ano a educação e a saúde. O que nos leva o quê? A chamar de oportunidade perdida, as oportunidades que foram perdidas em todos aqui da reunião entre a educação e a saúde, que poderia trazer uma parceria muito grande para a gente trabalhar com os jovens, com os jovens na escola para que isso não acontecesse.

Para citar figuras contemporâneas, Dalai Lama, que muito interessado no desenvolvimento também da humanidade, ele falou, "Mesmo nossa estrutura corporal parece projetada não para a luta, mas para o abraço, olhemos para as nossas mãos, se fossem destinadas para golpear parece-me que seriam duras como cascos e o que é mais importante, [soa a campainha] de acordo com a ciência médica, as semanas imediatamente posteriores ao nosso nascimento - talvez ele tenha feito o curso - são cruciais para o nosso desenvolvimento, porque o cérebro cresce com muita rapidez e durante esse período o contato físico com a nossa mãe ou outra pessoa é um dos fatores mais importantes para o desenvolvimento saudável do cérebro. Isso demonstra que, mesmo em termos físicos, somos beneficiados pelo afeto dos outros".

Então, ele deu uma aula de tudo isso que nós falamos, ele já tinha sacado. Essa é a imagem que vocês conhecem da internet, é abandono, essa é uma criança que está na fase que nós estamos dizendo. E aqui eu não preciso falar mais nada.

Essa experiência das duas irmãs que foram criadas, as meninas, por lobos e a amá-la e [inaudível], uma prova do desamparo do bebê quando a experiência adequada falha. Não houve experiência de cuidados, então, depois que elas foram para a civilização, por religiosos, elas vieram a morrer.

Então, uma grande parte a sentido da nossa luta para assegurar qualidade do desenvolvimento de todos é a prevenção. É isso que nós não estamos vendo, é a prevenção. Esse investimento. E para lembrar o [inaudível], antes deixar este mundo, devemos estar certo de haveremos tentado de melhorá-lo. E para lembrar a Gabriela Mistral, poetiza chilena, que foi o prêmio Nobel de literatura de 45. "Nós cometemos muitos erros e muitas faltas, mas o nosso pior crime é abandonar as crianças, negligenciando a fonte da vida. Muita das coisas de que necessitamos podem esperar. A criança não pode. A cada instante, seus ossos estão sendo formados, seu sangue está sendo produzido, seus sentidos desenvolvidos, a ela não podemos responder, amanhã, seu nome é hoje".

Muito obrigado.

[palmas]

SR. PRESIDENTE JUVÊNCIO DA FONSECA (PSDB-MS): Gostaria de registrar a presença do autor do Projeto, ilustre Senador Pedro Simon entre nós. O Projeto importante, eu vi por esse primeiro tema que foi desenvolvido, que nós não tínhamos muita noção sobre isso, não é Pedro?

Com a palavra o Dr. Salvador Célia, Psiquiatra e Presidente da Federação Latino-Americana de Psiquiatria da Infância, Família e Profissões Afins. Tema: "Apego, resiliência e prevenção da violência". Os 20 minutos, o tema é... Eu vi que o Dr. Laurista foi rápido, foi uma máquina para falar. E é tão importante esse tema que a Mesa, com toda a tranquilidade, disse que teremos tolerância até para fazer um fecho mais tranquilo, mais próprio se desejar o palestrante.

DR. SALVADOR CÉLIA: Muito bom-dia. Estou muito honrado de estar aqui nessa Casa hoje, acompanhando um Projeto de um político que eu preso muito, Senador Pedro Simon, meu amigo, e que me deu a chance, durante o Governo dele, acompanhá-lo num Projeto social, chamado Projeto Vida, do qual ele foi o seu grande idealizador político, enquanto a gente colaborou num atendimento, vamos dizer, da parte mais dos estudos em que a gente conhece do ponto de vista de psiquiatria da infância e da adolescência e de bebês, e ser Professor que muito me honra da Universidade Luterana do Brasil em Canoas, do curso de medicina desses que se fundou em 1996.

Agradeço a todos aqui nessa Comissão. Nossa amiga Lisli, Laurista, todos aqui de Brasília que com seus cursos aqui em Brasília também colaboraram muito para a minha formação que iniciou, vamos dizer, há algum tempo e há 20 anos que eu venho nesse trabalho com a parte da primeira infância.

Bom, o Laurista me introduziu muito dos temas que iremos falar aqui, que seria o apego, depois eu vou falar em resiliência, vou falar em empatia e vou falar da violência. Na verdade, a violência para mim é um problema de saúde pública. Ela deixou de ser endêmica, ele é epidêmica, e cheia de focos, e nós temos que atender os focos. Tal como, Simon, fizemos lá na zona norte em Porto Alegre no nosso Projeto Vida, revitalizando a fábrica Cerâmica Cordeiro arrebatada que começava no bebê e terminava no idoso.

Então, nós temos que atacar esses focos da violência. E quero lembrar aqui que o Laurista citou, e eu vou citar alguns autores, gente, como Rods(F), estudando pessoas criminosas e depois aquele pessoal também em Lewis(F) que estudou aqueles meninos lá em Columbine, que mataram seus colegas e tudo, todos referem em seus estudos, na sua infância, maus tratos. Referem negligências, referem violências físicas, emocionais, abusos sexuais com a tendência de se perpetuar, esse é o nosso grande problema. Quem foi violentado tem 80% de chances de repetir o que se levou na vida.

Então, eu me filio a todos que pensam na Teoria do Apego que eu vou tentar explicitar mais para vocês que é a Teoria dos Vínculos. Eu entendo como muitos que é quem vai para a violência vai por aquilo que aprendeu ou por aquilo que lhe faltou. Alguma coisa que me roubaram, que me tiraram, eu, criança, eu vou em busca de alguma coisa, atendo muito por aí essas minhas carências que são as teorias, principalmente do apego. E para entender apego, nós temos que pensar em interação, como disse o Laurista, uma interação recíproca entre a parte do gene e a parte do meio ambiente. Na verdade, pelos estudos que se vê de adotados, enfim, os mais variados estudos, se vê que muito depende da cultura, e aí está a importância dessa Casa porque tudo disse, como disse Nelson Mandela, "Precisa-se de uma comunidade para se educar uma criança", e melhor que vocês, ninguém. E vou citar exemplos para vocês, porque há anos atrás quando eu apresentei isso num Congresso de Psiquiatria aqui em Brasília, colocava que bebês, estudados em Chicago, e estudado nos Estados Unidos, em áreas de muito risco, de muita violência, medidos o cortisol, que é o hormônio do estresse, as mães apavoradas transmitiu para os seus bebês, porque corria bala naqueles lugares, se media o cortisol medindo as gotículas de saliva dos bebês. O que se viu? Se viu que o cortisol era muito alto. Quando tiveram Prefeitos, como em Nova Iorque, como Prefeitos de Chicago que mudaram esses bairros medindo o cortisol desses bebês, o que foi visto? Diminuiu o estresse e diminuindo o estresse facilita que os neurônios que se falou, que as sinapses ocorram. E tem a ver com vocês quando eu dei aqui em Brasília, na psiquiatria aqui, numa uma jornada comunitária riram, tenham fé nos políticos, pois é, nós precisamos ter fé em vocês. Essa que é a grande verdade, porque aí nós vamos falar do que eu quero falar, da resiliência.

Então, o gene que, às vezes, vem pré-determinado, ele pode mudar, reparem bem, ele muda porque ele vem com uma força, o genótipo, mas a fenótipo muda por causa da cultura, da ação cultural que nós exercemos. Aqui está a nossa responsabilidade como cidadãos.

Então, essa interação é muito importante, ela é recíproca não só de um lado, é dos dois lados, entre o gene, a biologia e entre o que nós estamos vivendo. O que é que cuida da gente? Quem cuida da gente? Pois essa interação, gente, é algo fundamental e se viu por um grande pesquisador chamado John Bowlby, um Psicanalista que modificou muito as teorias analíticas que ele tinha, que ele aprendeu com Freud, esse grande pensador, e ele veio com a idéia buscando nos animais, viu Simon? Foi buscar lá nos gansos, foi buscar lá com a Hallow(F) quando estudou os macacos. Ele viu que Lorans(F) olhavam os gansos saindo da mamãe ganso e que ele viu que o grasnar deles, ele começou a imitar a mãe e caminhar que nem ela e os gansos saíam correndo, não atrás da mãe, mas atrás dele. E ele viu que muita das coisas desses vínculos que a gente vem biologicamente programado para uma figura, se vem programado para a busca de uma figura, ele foi buscar nos animais, isso nos mamíferos. E ele notou, então, que a gente vem programado para se comunicar. E a gente, para se comunicar, vai depender de quem está do outro lado da linha, quem é o meu cuidador.

Então, a gente vem até para defender a espécie, meio que, está meio que preparado para isso. Eu vou buscar um relacionamento. Isso é extintivo, é biológico e eu tenho que encontrar no ambiente esse cuidador. Aí está a mágica de tudo, nós temos que pensar nos cuidadores.

Bom, nesse cuidado dessa interação do cuidador com o bebê, o bebê fotografa o que está ocorrendo, o bebê põe para dentro do cérebro dele esse tipo de interação que é internalizado para dentro dele, tipo fotografias e funciona tipo um modelo bio-cibernético, como eu estou falando para vocês a minha pressão arterial está aqui, o meu pulso, meus movimentos respiratórios estão ocorrendo sem eu ter cuidado, a mesma coisa é essa interação da mãe com o bebê, e o bebê com a mãe, ou do cuidador, já a gente diz a mãe, vai ser muito importante porque eu vou fotografar e vou colocar para dentro de mim, vai ser as minhas referências. Nada melhor do que um cuidador sensível, nada melhor do que uma mãe que tenha sensibilidade, nada melhor que uma mãe que saiba segurar o bebê, que saiba tocar o bebê, que saiba pegar o bebê, que toque é fantástico. A gente vai a Índia que é parecido com o Brasil, e aqueles bebês desnutridos não estão tão maus como os do Brasil, porque tem a shantala lá, e nós vamos começar num Município que eu adoro, que é Canela, um trabalho com as escolas públicas de Canela, usando shantala em todas as creches. Lá, os bebês da Índia são massageados com óleo mesmo com todas as dificuldades e os bebês conseguem assim mesmo se desenvolver melhor.

Então, eu vou internalizar as minhas imagens e vão ser modelos operantes internos do meu cérebro. Porque com oito meses a minha memória está desenvolvendo. E eu vou poder saber quem é o meu cuidador, quem não é o meu cuidador. E aquelas experiências que eu tive, vou me preparar para ser autônomo ou ser independente, porque eu não posso ser simbiótico toda a vida da minha mãe. Eu não posso ter um País também simbiótico, parasitário que tudo o Governo me dá. Eu tenho que ter autonomia, me deparar, que nem os bebês precisam se deparar. Mas isso só ocorre se tiver no cuidador essa figura emocional, essa figura que vai me colocar para dentro de mim, ela vai todas essas imagens. Essa mãe, a sensibilidade materna é fundamental, a sensibilidade do cuidador. Olha que importância da cuidadora da babá, olha que importância da cuidadora da creche, porque aí que eu vou levar para o resto da vida como eu vou me referendar. Se eu vou ser seguro ou vou ser inseguro. E aí se vendo isso, se viu que a mãe contingente é a mãe que decodifica os sinais do bebê, ela sabe quando o bebê chora por fome, ela sabe quando o bebê chora por manhã, ela sabe quando o bebê chora também por dor. Ela, enfim, sabe quando o bebê sorri e isso é muito importante, porque, quando eu bebê noto que a minha mãe me entendeu e a minha mãe também me entende, e ela me entendendo eu vou fazer nascer em mim a coisa que os criminosos não têm, falta de empatia. Eles não têm empatia, eles precisam de empatia, porque eu só vou me sentir no outro se o outro olhar para mim. "O espelho da mãe é o rosto do bebê", disse Winnicott. Quem é essa mãe? E se ela está deprimida, como é que esse bebê, e aí está outro problema de saúde pública, que na carta de Canela, que nós trabalhamos lá na Semana do Bebê, já na nossa sétima, colocamos com a Deputada Maria do Rosário, grande incentivadora desse encontro Parlamentar, que a depressão pós-parto é algo muito grave, que eu vou conversar depois, que é um problema que leva também a vários problemas, inclusive, demais uso nas crianças, de Ritalina, estimulantes cerebrais que são usados demais no Brasil e em outros Países, porque o bebê está procurando uma mãe, uma pele psíquico-social, e ele fica então agitado porque nunca olharam direito para ele, e ele também poderá então ser opositor, poderá ficar violento e desenvolver a violência em função dessa depressão pós-parto. Se essa mãe foi então foi contingente, se essa mãe me entendeu, faz nascer em mim, bebê, uma função reflexiva. Isso diz Peter [inaudível] que trabalha na Teoria do Apego. O que é que é essa função reflexiva? Nasce da interação profunda com a minha mãe e antes eu dizia, Simon, eu penso, logo existo, não é assim. Eu só existo se eu penso, que a minha mãe pensa que eu penso.

Então, eu penso, logo existo, não é assim. Eu penso que tu pensas, eu penso que a minha mãe pensa que eu penso. Então, eu sou um ser pensante, eu existo. Eu só posso existir se o outro acredita em mim. Tem que haver uma interação se não eu sou um egocêntrico, eu sou egoísta, não saio disso. E aí então eu aprofundo a empatia e isso faltou para essas pessoas que sofreram todas as negligências, todos os abandonos. Essa função reflexiva, essa teoria de eu poder ler a mente dos outros, de eu me meter nos outros e sentir o que os outros estão sentindo. É esse ao nosso problema, é melhorar essas condições de vida para se diminuir, então, essa violência.

Então, essa empatia que nos criminosos que muitas pessoas não têm, nós precisamos cada vez mais prepará-lo e isso nasce da interação mãe bebê, ou cuidador bebê.

Descobriu-se que algumas pessoas, por maiores dificuldades que tiveram, isso é muito importante para nós todos porque traz uma mensagem de esperança, conseguem, e aí está um trabalho feito por Emilie Wener(F) no Havaí, que ela teve uma satisfação que eu gostaria de ter tido na vida, seguir uma cultura de 700 pessoas, 44 anos já, e ela conseguiu ver com a equipe da universidade acompanhar essas famílias. O que aconteceu com esses bebês, 44 anos depois já casados, adultos, pessoas que estão na vida agora? E viu que dessas 700 famílias, 200 pessoas viviam em níveis muito desestruturados, tinham tudo, famílias desestruturadas, negligência, alcoolismo, pobreza com todas suas coisas se circundam a pobreza, e viu que 88 pessoas viviam muito bem, mas não eram super heróis, nem super girls. Eram pessoas bem adaptadas na vida.

Não era saúde mental ainda, mas eram pessoas bem adaptadas, que conseguiram vencer o estresse da vida. Quer dizer, eu tenho um problema que nem uma gincana, eu passo a etapa, em vez de cair eu vou para frente. E aí ela cunhou o termo junto com o Prof. Hater(F) lá na Inglaterra, resiliência, resiliência vem de resilir, vão lá no Aurélio. Quando eu tenho uma bola de borracha, uma bola tênis, eu aperto essa bola de borracha o estresse é forte. Quando eu solto, ela volta ao normal, ela tem flexibilidade. Cuidem. Metaforicamente falando dos seres humanos, algumas pessoas têm a possibilidade de apesar de passar todos esses estresses, de se adaptarem a vida. Quem são esses resilientes? Aí é que está a história. Aí que vem a função nossa de cidadãos e vocês que nos dirigem no Governo, porque isso depende de muita política.

Temos que favorecer a resiliência, isso vocês têm que saber. Não é só resistir, é ter condições de adaptabilidade. São pessoas que poderiam ter e tiveram até pais separados, mas tiveram um vínculo com um deles. O vínculo. São pessoas que tiveram pelo menos um avô talvez, um cuidador muito bom, que tiveram escolas, que sabiam oferecer. Escolas abertas que nós precisamos abrir. O centro vida, Simon, que tu fizestes, aquilo precisa abrir sábado e domingo, Simon. Esse pessoal ainda não entendeu. Parece que, às vezes, não abre. Porque ali as pessoas vão buscar visibilidade como disse o Jimmy Stein(F), vão buscar pertinência a alguma coisa da arte, da cultura, do esporte, da cidadania, vão ter um grupo. Os resilientes gostam de estar grupo, gente, gostam de viver em grupos. E vou ter também auto-estima.

Então, os resilientes têm uma outra coisa importante além de estar em grupo. Eles têm fé. Os resilientes acreditam em religião, os resilientes acreditam em políticos, olha a responsabilidade de vocês, porque a gente tem ter fé em alguma coisa e tem esperança. Não dá para nascer com lesão cerebral grave para ser resiliente, tem que nascer mais ou menos predisposto, mas temos que encontrar o ambiente. E aí, a resiliência não é mágica, depende de como nós organizamos essa cultura.

Então, eu me refiro a gente desenvolver essa cultura do apego, porque essa cultura do apego que é a cultura do vínculo, quando eu tenho boas relações, boas interações com os meus cuidadores, na hora dos riscos, na hora do perigo eu vou me lembrar que ela vai estar do meu lado, eu vou me lembrar do que eu recebi e se eu não recebi talvez eu vou ter uma psicopatologia no futuro que vai depender muito do meu problema de saúde mental, muito das minhas dificuldades no futuro, pelas carências que me deram.

Então, muito vai se jogar no início da vida, não só pelas sinapses para eu ser inteligente ou não, mas se eu vou ser um cidadão de bem ou um cidadão de mal, ou se eu vou ser um sofredor ou vou ser um cidadão melhor. Quando eu coloco para dentro essas boas relações, isso me prepara para enfrentar a vida. Eu tenho um apego seguro. Pois não é que os resilientes, por terem tido essas, encontrar no meio ambiente certas considerações e certas qualidades tenham um apego seguro.

Então, nós temos uma relação muito forte entre o apego, que eu costumo dizer, metaforicamente falando, que é uma vacina porque é a criação de um anticorpo não rejeitante, porque entrou para dentro de mim as relações da vida e eu me sinto mais forte, me sinto mais empático, eu me sinto com capacidade de enfrentar a vida. E esse apego me leva para a vida e, provavelmente, me leva também para eu não ter o problema de doença mental.

Muito da minha personalidade, gente, vai depender de como eu formei nos meus três primeiros anos. E aí um problema é transmitido, Senador Paim, que é lá da minha terra. É transmitido de geração em geração. Muitas vezes eu estou fazendo o que o meu pai me fez ou que o meu avô me fez. 80% das pessoas transmitem esse tal de apego, que é fundamental, mas 20% nós podemos mudar isso. E isso são culturas. E aí a gente começou, então, a trabalhar muito de como mudar essa coisa e formar uma sociedade de maiores vínculos. Não parasitários, vínculos que levam autonomia, porque diz o Prof. Brasido que quantas vezes estive entre nós: "A meta do apego é a desapego, é a autonomia e independência para a gente não ser um parasita". E isso serve para o Governo, isso serve para a gente não ser só monitorado pelo Governo, nós temos que ser pessoas criativas.

A partir daí me preocupei, desde os anos 80, em levar para as políticas públicas. Esses conhecimentos que foram passados para a gente, os franceses, os americanos, os ingleses, passar para as políticas públicas isso, porque estão ali as coisas para mudar a sociedade, até porque me interessa, porque eu vivo nessa sociedade. E dentro das coisas mais importantes que eu penso que consegui fazer, foram a capacitação das pessoas.

Comecei lá no Governo do Estado do Rio Grande do Sul em 1980 fazendo um Projeto que foi chamado o Grupo do Perfume, o grupo da perfumaria. Reparem só, viu Deputado Osmar, o Senhor que tem um belo Projeto, lá. Iam 30 Psicológicos, Pediatras e tudo, para discutir comigo o que nós íamos fazer nos postos de saúde de Porto Alegre, na grande Porto Alegre para atender mães e bebês. O pessoal dizia: "Olha aí ele é um Psiquiatra sério, mas as mulheres lá não querem trabalhar no posto de saúde, estão fugindo para fazer essas frescurinhas de trabalhar mães e bebês". Quem sabe não tem mais esse problema do grupo do perfume. E aí começamos em 1983 a trabalhar isso e publicar os primeiros trabalhos e fomos adiante. E tivemos a oportunidade, então, de trabalhar com Pediatras, o que me dei conta, como Laurista, o Prof. Márcio Lisboa, essas referências nacionais, que o Pediatra é o primeiro agente de saúde mental, eu pensava isso. E aí comecei a trabalhar o Pediatra. Mas o que é que tinha com o Pediatra? Por exemplo, *British Medical Journal* é uma revista muito importante na nossa área, e ele traz um editorial sobre depressão pós-parto. 300 mães e seus bebês, no Reino Unido, foram consultar os Pediatras [soa a campainha]. 300 mães e bebês foram fazer suas consultas naturais, pois foram visto que 88 delas tinham depressão materna com grandes problemas para os bebês. Sabe quantos foram diagnosticados? 39, Osmar, só 39 Pediatras mataram essa. Porque não foi ensinado para eles. Me dei conta que não adiantava só trabalhar Pediatra e a ULBRA me ofereceu a oportunidade de no curso de medicina, em vez ver o cadáver, começar ao lado, lá na sua cidade, Paim, em Canoas, lá na Vila União nós estamos trabalhando, comecei lá na Vila Ipê em Porto Alegre. Nós fomos para lá e começamos a fazer visita domiciliar com os estudantes de medicina, que logo ao entrar na maternidade, eles recebem uma mãe e um bebê. E levam um choque. Eles dizem para mim: "Salvador, nós estamos indo de avental branco por causa dos traficantes, por causa de todos os problemas". É verdade, mas na verdade o que assusta o estudante é que eles se encontram com o bebê, e o bebê que eles foram. Passa o filme, que bebê que eles foram quando pequenos?

Então, precisa muita supervisão. Imediatamente são Agentes de Saúde, fazem visita domiciliar semanal. Além de ajudarem a comunidade, sabe o que é que aconteceu? O bebê, o nosso grande professor da faculdade de medicina, humanizou os Médicos, ele é o professor da empatia, o bebê. Não dá para passar por um bebê sem pascar todas essas emoções, todos esses conflitos. O bebê é fantástico.

Então, ele ajuda os estudantes de medicina. E aí fomos adiante seguindo a Senadora Hillary Clinton, nós vimos então que numa das conferências da Casa Branca, o Prof. Brasido lançou a idéia de que porque não o dia da vacina fazer um Projeto de olhar mães e bebês? Tomei meus estudantes de medicina junto com o Prof. Odon Cavalcanti, grande colaborador, fomos para Canela que nascem 700 bebês nessa cidade da 38 mil pessoas por ano e começamos a fazer um teste, que hoje a UNICEF, breve vai lançar, para cuidadores, para pais, para professores, para educadores, para ver como está a interação mãe e bebê. Pedimos cinco minutos para ver a mãe e o bebê na hora da vacina. Porque no dia da vacina o pessoal lá na vai por doença, vai para buscar vida. E aí nós olhamos como é que a mãe se relaciona com o bebê, como ela fala com bebê, como ela segura o bebê. E damos um xerox. "Se você, mamãe, não cantava com o bebê, cante. Se não massageava, massageie. Se você não falava, fale". E quando o bebê tem alguma tendência, na interação mãe bebê, custa dez centavos esse xerox, elas põem junto com a carteira da criança no dia da vacina. O que é que acontece? Elas seguem isso e muitos dos pequenos problemas de falta de estimulação dos bebês, as mães não tinham informação. Elas começam a fazer isso.

Fruto disso nasce então a idéia... Porque Canela, Simon me conheceu lá trabalhando em Festival de Teatro Comunitário e viu que eu trabalhava no Governo dele, junto com o Prof. Apel(F) da Secretaria de Cultura e criamos lá o Festival de Teatro de Canela, que melhorou muito a auto-estima da cidade, porque Gramado, essa bela cidade, tem o Festival de Cinema. Canela tem o seu Festival de Teatro, Festival de Boneco, e ele me levou para o Governo dele parar trabalhar um Projeto do Bebê ao Velho, talvez porque tinha filhos adolescentes, na época.

SENADOR PEDRO SIMON (PMDB-RS): [pronunciamento fora do microfone] ... A vila, com o pessoal da vila fazendo teatro.

DR. SALVADOR CÉLIA: Exatamente. Vimos que na vila, então tinham 16 grupos de Canela nas vilas lá fazendo teatro, então ele me levou para lá e deu o Projeto para a gente desenvolver o Projeto na vila.

Bom, aí nos demos conta que em Canela tínhamos um jeito de trabalhar. Levamos esses bebês para os Agentes de Saúde quando havia tendências nos problemas de interação, e foi crescendo a idéia. E aí junto com o Governo Municipal de Canela, junto com a Rádio Clube de Canela, a rádio é fundamental no interior, gente. Junto com o Jornal de Canela, junto com Lions, Rotary, associações comunitárias. Criamos um Projeto para sensibilizar a comunidade como disse nosso Mandela, "Necessita de uma comunidade para criar uma criança", e criamos a Semana do Bebê.

A Semana do Bebê de Canela é um ato para sensibilizar a comunidade, informar pais, trabalhar a comunidade durante uma semana para se sensibilizar aos primeiros cuidados. O bebê que nasce sempre no terceiro fim de semana, terceiro domingo depois do dia das mães, à meia noite começa a Semana do Bebê. O primeiro bebê que nasce, ele é o Prefeito da cidade, e recebe a chave da cidade como um modelo, porque os Prefeitos são bem tratados, então o bebê tem que ter mordomia para mostrar que todos os bebês de Canela precisam ter esse trabalho. Pelo trabalho lá dos Pediatras, de todo o pessoal dos Agentes de Saúde, a mortalidade infantil baixou bem, está em nove agora, baixou bem. Lá se trabalha muito bem lá naquela cidade, tanto em educação e creche. E lá nós trabalhamos então as fotos dos bebês, quando não tem possibilidade de ter uma foto o bebê, os fotógrafos profissionais, junto os Agentes de Saúde mandam uma cartinha, eles tiram a foto e colocam nas vitrines. Se faz a escolha das melhores redações e a Câmara Legislativa dá o troféu Semana do Bebê. Fazemos oficinas, levamos outras Faculdades da ULBRA a trabalhar em Canela, nos bairros, nas igrejas e com a população que trabalha em Canela com isso. E, no momento, há dois anos, junto com a Deputada Maria do Rosário, criamos lá o encontro Parlamentar, onde fizemos a carta de Canela, que já se encontra aqui, onde colocamos lá a necessidade de se prevenir muito bem a depressão pós-parto e melhorar muito a creche.

Bom, se faz um cenário internacional que muito meu amigo Laurista, com meus colegas franceses que ele sempre traz, tem ido lá, e colegas que mostram os seus trabalhos e concluímos com a Semana do Bebê.

Eu queria passar as fotos desse ano para mostrar para vocês o que nós fizemos. Simon, convidamos o pai do Zezé de Camargo e Luciano. Sr. Francisco e a D^a. Helena. A D^a. Helena adoeceu. O filme "Os Dois Filhos de Francisco" é maravilhoso. Exemplo de fé de um pai, de uma mãe que segurou a barra, de resiliência. Ali o nosso diretor Luciano Moreira da faculdade de medicina, Semana do Bebê, família com amor onde tudo começa. Simon, o filme passou em todos os colégios de Canela e foram discutidos. Levaram cinema humanista para discutir, isso é saúde mental também bem integrado. Foram feito mais de três mil redações que os professores do Rotary Clube cuidaram. O Lions cuida das fotos, e se escolheram as melhores redações.

Sr. Francisco que chegou lá com um bebê. Ele é um exemplo, quem conhece esse filme, o filme mais visto no Brasil até hoje, de resiliência e de fé.

Então, se debateu muito o filme, lá. Aqui o Seminário Internacional, ele dando depoimento, dizendo assim, dizia para o filho: ou a bola ou a viola, não tem outro jeito. Quer dizer, realmente ele tinha fé nos filhos, e ele saía a telefonar, põe aí "É o amor". Você se lembra do filme, esse filme é maravilhoso. A nossa Vice-Prefeita, a passeata dos bebês com ele puxando o carrinho. Estava frio no domingo. E aqui uma estátua da nossa querida escultora Arminda Lopes. Um ponto para solidificar, para simbolizar aquilo que nós queremos dizer assim: "Como é que vamos proteger a violência?". Vamos tirar a violência pelo direito à infância. As pessoas, os bebês têm que ter o direito à infância, precisam ter uma mãe com o pré-natal, não como está só ali quatro vezes por semana. Tem que ter seis vezes. Não é isso, que tipo de pré-natal nós estamos fazendo com essas mulheres? Será que essas mulheres conseguem falar com seus pré-natalistas? Nós temos que ter o parto mais humanizado, a presença do pai, as doulas que acompanham as mães. O aleitamento materno é muito necessário. Claro que é. Mas não pode ser intrusivo. Os avós, nós temos muito ainda, os avós japoneses, alemães, italiano, portugueses, cada vez a família está mais desestruturada, mas nós temos que buscar o papel dos avós e nós temos que então fazer creches de bom nível, como disse a Sociedade Americana de Pediatria, no máximo para um três ou quatro bebês, com bom educadores para que sejam internalizado lá dentro dos bebês. Certamente nós vamos diminuir algo que a Brooke Shields nesse livro maravilhoso, "Depois do parto, a dor" diz: "A depressão pós-parto... - que diz - eu achava que não ia ter isso". A depressão pós-parto leva os bebês a terem problemas de hiperatividade, déficit de atenção, problemas agressivos e, às vezes, os bebês são escolhidos pelas mães para serem antidepressivos. Isso é muita coisa para um bebê. Eu diria que, se nós estudarmos a capacitação das pessoas, mobilizarmos a comunidade, reforçar as competências familiares, com faz a UNICEF, mínimas coisas que os pais fazem, temos que reforçar, informar a comunidade. E cabe então a

vocês os políticos fazer esse grande mutirão, porque as políticas públicas dependem muito de vocês, para a gente pelo menos tornar a violência endêmica e não tão epidêmica. É na cultura do apego, é na cultura do vínculo que a gente forma um cidadão mais saudável ou menos saudável. Muito obrigado.

[palmas]

SR. PRESIDENTE JUVÊNCIO DA FONSECA (PSDB-MS): Obrigado Dr. Salvador pela brilhante palestra. Eu ainda registro a presença da D^a. Regina Orth, Presidente da Associação Brasileira de Estudos sobre o Bebê e também da D^a. Ivete Simon, esposa do nosso Senador Pedro Simon.

Eu gostaria também de ainda dizer sobre a Deputada Estadual Iraê Lucena do PMDB da Paraíba, de que ela tem um Projeto já, realmente foi votado e aprovado lá na Assembléia de Prevenção da Violência com Investimento na Primeira Infância, já sancionado pelo Governador.

Passamos a palavra a ilustre palestrante Dr. Antônio Márcio Lisboa, Pediatra e Professor Titular de Pediatria da Universidade de Brasília. Tema: "Prevenção da violência".

DR. ANTÔNIO MÁRCIO LISBOA: Eu queria, em primeiro lugar, agradecer o convite e dizer a vocês que há 20 anos eu esperava falar num seminário desse tipo. E aconteceu uma coisa muito interessante, porque eu fui convidado para vir aqui hoje e, no dia 9, eu vou coordenar um Fórum sobre este tema que está sendo tratado, onde nós teremos 10 conferencistas, inclusive Juiz, Advogados, Assistentes Sociais discutindo prevenção a violência.

A primeira vez que me despertou um interesse pela violência foi lendo um livro que foi do meu pai que era Médico e lá falava sobre a proteção na infância. Eu comecei a ler o livro que tinha PH, Y, dois LL e era muito atual. E uma das frases que tinha nesse livro era assim: "Por que é que será que as autoridades, os governantes, os políticos que sabem que a criança abandonada de hoje será o malfeitor de amanhã, não fazem nada para prevenir a existência da delinquência?" Eu fui ler a data, 1914, Franco Vaz. E ele diz nesse livro isso que vocês ouviram, não atualizado assim, ele escrevia isso nesse trabalho em 1914. E o que é que fizeram? Não fizeram nada, nada do que ele recomendava, nada. Para não dizer que não foi feito nada, fizeram ao contrário do que ele dizia. Porque ele dizia naquela época nesse artigo, "Não prendam as crianças, porque prender crianças é a forma de formar demônios que são soltos nas ruas". Se ele escreveria naquela época. E eu como Pediatra há 55 anos, nunca entendi resolver problema com punição. Punição, prisão que existe é para afastar os criminosos para que nós tenhamos tranquilidade. Não é resolver nada. No dia 9, vou lançar o livro que eu queria lançar hoje, mas há um atraso que é a "Prevenção a primeira infância e as raízes da violência". Porque aí que nós temos que atuar.

Eu quero projetar o primeiro. E eu tenho uma... Eu acho que violência é prevenível. Agora existe uma confusão muito grande do Governo entre combate e prevenção. Combater a violência é um problema do judiciário e dos órgãos de segurança. Prevenção de violência é um problema pediátrico, tem que ter Pediatra, Assistente Social, Educador, Psicólogo, não é um problema--

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: [pronunciamento fora do microfone]

DR. ANTÔNIO MÁRCIO LISBOA: Psiquiatra da infância também, lógico. Não é problema de justiça, não é problema nada, é problema nosso. E o que mais me angustia nesses 20 anos depois que eu fiz esse trabalho, é que todo os seminários que são feitos sobre "prevenção", entre aspas, de violência, nenhum desses que previne a violência é convidado. Sempre tem Juiz, juizado da infância, assistente social, mas nós que sabemos como é que vamos resolver o problema nunca somos ouvidos. E eu vou mostrar a vocês, por quê?

Então, é o seguinte, como sabe, agora está na onda o celular, é o celular tem que fechar. Não sabe prevenção. Então o que está sendo feito é o seguinte. Chegou até dizer o seguinte. Programa de combate à violência, iluminação está lá dentro. Tem tudo, vocês vêem o que já está sendo feito as coisas. Delegacia da Mulher, Delegacia da Criança, Conselho titular não sei de quê, Conselho titular do outro. E vem escritório de Defensoria, Conselhos Municipais de Prevenção da Violência, conscientização da população que já está absolutamente conscientizado. todo mundo está apavorado com a violência. Não preciso dizer que mais a violência é um problema, é uma epidemia, é um negócio horrível, porque todo mundo sente isso, todo mundo já teve um parente, um amigo que foi assaltado, que foi morto.

Então, vem isso tudo. A polícia, aumento do efetivo. Quer dizer, uma das coisas que a gente vê mais é o seguinte, mesmo a sociedade acha, tem que por polícia na rua. Vocês podem por quantos vocês quiserem, quantos. Pode por polícia que quiser, porque polícia não resolve, porque nós estamos fabricando delinquentes. E vocês vão ver a fábrica de delinquente que tem que acabar. Nós estamos fabricando bandido, nós estamos fabricando indivíduo sem moral, é indivíduo sem princípios, sem valores. E aí então vem a polícia, vem e põe e reequipa, não, sai o programa de combate... 1.500 ambulâncias, têm essas últimas ambulâncias já estão dando problema. Vem ambulância e vem carro da polícia, motocicleta e põe cachorro. Combater pobreza e desigualdade como se o pobre fosse também a causa de banditismo. O pobre é o que mais sofre, porque se o pobre não fosse honesto, descia a Rocinha na Barra na Tijuca, e acabava com a Barra da Tijuca. Fles não descem, porque eles são honestos e eles sofrem muito mais do que a gente.

Desigualdade social ser causa de violência? Nunca. Não é causa de violência. É o fator predisponente, não determinante. Não é um fator determinante. Pobreza não é determinante. E existe uma confusão entre fator determinante e predisponente. Determinante é aquele principal, é o quê? É o vírus da pólio que existia, é o determinante. Predisponente aí vem tudo, quem é que encontrou com outra pessoa com pólio e tal. Inventaram a vacina, acabou a pólio há 10 anos no Brasil.

O seguinte, destruir brinquedos parciais, Meu Deus! Eu matei um número grande de meninos, matei índio quando era criança, tinha dois revólveres de espoleta, tinha metralhadoras, todos os meus amigos andavam armados até os dentes, nenhum virou bandido. Eu não conheço nenhum que virou ladrão, nem bandido e nem nada. Brinquedo não tem nada. O que tem... O problema não é o brinquedo. É quem está com a mão no revólver. Esse que é o perigoso.

Então, diz o seguinte, o Senador Pedro Simon perguntaria, o Senhor teria mais medo de uma bomba atômica na mão do São Francisco ou de uma navalha na mão de um bandido? Não é? Porque o São Francisco não vai jogar a bomba, o bandido com a navalha ele faz um estrago muito grande. O problema não é do revólver, o problema é de quem tem o revólver.

Então, tira o revólver todo e diz: "Pelo menos, as crianças não morrem de acidente em casa". É, mas a criança morre muito mais de beber remédio do pai e da mãe do que de revólver em casa, por exemplo. Desarmar a população, combater a impunidade que é difícilíssimo. Por quê? Porque os corruptos estão aumentando em progressão geométrica e nós estamos tentando resolver esse problema com mecanismo e progressão aritmética.

Então, cada vez mais tem corrupto. O jornal de hoje e de ontem, toda a página tem um corrupto, tem um corrupto ali dentro. Combater o narcotráfico, já hoje, essa reunião nossa da semana que vem, quase faliu, porque eu queria fazer uma reunião para prevenir a violência e lá o nosso, eu sou da Academia Brasileira de Pediatria, e lá o Presidente disse o seguinte: "Lisboa, isso aí não adianta nada, acabamos com o narcotráfico que acabou com o problema da violência no País". Meu Deus, nós estamos conversando hoje aqui e vamos conversar dia 9, não é acabar o narcotráfico é acabar com pessoas que traficam drogas, é acabar com pessoas que se drogam. É isso que se trata essa reunião aqui e a reunião da semana que vem. E vai lá contrabando de armas, distribuir cartilhas e aí vem uma coisa... Eu sou da época que foi criado o SAN no Rio de Janeiro em 1948. Eu passava pelo SAN para dar plantão, aquilo lá em 48 era uma fábrica de criminosos. Todo mundo dizia que o egresso do SAN é o grande bandido, naquela época. Aí vem FUNABEM, FEBEM, CAJE e aquele negócio todo, e sempre enchendo mais e sem lugar. Depois vem construir penitenciária de segurança máxima.

Quer dizer, nós temos que resolver o problema o seguinte: Os criminosos estão aumentando, mais cadeia. Porque é que pára de fabricar criminoso? Porque eu não consigo entender isso. Agora, o problema, meus amigos, que as causas que deram a violência são conhecidas. Elas são conhecidas pelos Pediatras, pelos Psicológicos, vocês viram aqui dois conferencistas falando sobre isso. A gente conhece, porque é que a gente não tem a oportunidade de dizer como é que nós vamos parar de fabricar em vez de fazer penitenciária à vontade? Os planos de combate a violência, coisa interessante, devia chamar, planos de promoção da violência. Porque existe uma relação direta em cada plano que sai, aumenta a violência, outro plano... "Pôxa, vai sair um novo?"

Então, nós estamos perdidos, vai sair um plano novo que vai acabar tudo. No outro dia a violência dobrou. É só vocês conferirem. Aqui em Brasília, nós tivemos três ou quatro. A violência hoje está muito pior do que antes do primeiro.

Então, o resultado disso, vocês estão vendo. As pessoas estão em pânico, inseguras, impotentes, acuadas, aprendendo a usar armas ou recebendo lição de defesa pessoal. A mídia relata um crescente episódio de violência. Nas capitais mais de metade da população já foi vítima de algum tipo de violência. A polícia instrui a população a se defender. Cartilhas à vontade. Quando você entrar no carro, como você se faz. Quando você entrar no banheiro público, como é que se faz. Quando você chegou no caixa eletrônico, o que você faz. Tudo assim, como se nós fossemos responsáveis. Quer dizer, hoje, eu sou responsável pela minha segurança, porque ninguém pode resolver o meu problema. Fazendas são invadidas, mata o fazendeiro, mata operário, e o futebol, mata uma porção de gente, a torcida mata, cresce o número de empresas de segurança, aumenta a violência doméstica, aumenta a corrupção, roubo, assalto, seqüestro, homicídio... Isto com todos os planos que fizeram de combate a violência nesse País. Está tudo muito pior.

A polícia temida pela população, principalmente pelos pobres, aumenta o número de corruptos, inclusive entre Parlamentares, governantes e magistrados e policiais. As pessoas se defendem construindo quartéis em casa, grades, muros, contratam segurança, instalam equipamento eletrônicos, usa o carro blindado, helicóptero, os presídios e centros de recuperação estão superlotados, fuga todo o dia e rebelião todos os dias.

Embora paradoxal, quanto mais Plano de Combate à Violência implantado mais o problema piora. Por quê? Os Planos de Combate à Violência não visam prevenir os desvios de conduta da personalidade, do caráter responsável pelo menos do número de delinquentes, e sim combater os crimes, usando para isso medidas punitivas e restritivas, enchendo os presídios e tentando "recuperar", entre aspas, portadores de grave distúrbio de conduta, boa parte recuperáveis.

Então, aí vocês têm no centro, o errado é o do centro, é o camarada que está ali. No dia que vocês apertarem muito e protegerem muito os bancos, eles vão roubar carro forte. No dia que o carro forte ficar difícil, eles vão ser traficantes. No dia que vocês... Vão roubar vocês. No dia que a coisa apertar mais... Porque o que está errado é o do meio, é aquele ali, aquele é que mata, aquele é que estupra, aquele que é narcotraficante e aqui ele está mal formado, aqui ele está doente e nisso nós não nos preocupamos.

Fatores determinantes, causa do comportamento anti-social, gestação não desejada, isso já foi falado aqui. Na França tem um serviço só para entender gestantes que não querem os filhos. Eu sou Pediatra há 55 anos. Quando nasce uma criança que a família não quer, pobre ou rico, vai começar a vida mal. A criança que nasce, já foi falado aqui antes, o bebê que não é querido, não é amado começou uma história, começou o primeiro passo para a violência. Ambiente familiar, os pais e mãe, o exemplo do pai, exemplo da mãe, se o pai é violento aí perpetua a violência. Pai violento, filho violento, neto violento, vocês perpetuam o ciclo da violência.

Lar desestruturado, falta de limites, disciplina e valores. Falta de valores é uma coisa importantíssima, eu estava até comentando que, quando eu fiz o meu curso primário, eu primeiro, os valores são dados em casa depois na escola. Quando eu fiz o meu curso primário, tinha um livrinho que chamava-se "Compêndio de Civilidade", que todo mundo tinha que aprender. Como é que trata o seu professor, como é que trata a sua pátria, a bandeira desse País. Bandeira hoje tem gente põe até para fazer cueca. Isso aí é um absurdo. É uma coisa que não poderia acontecer nunca. Nós cantávamos o Hino Nacional todo o início do estudo pela manhã. Quer dizer, e tínhamos esse ensino de valores nas escolas. Hoje eu me pergunto, será que creche e escola maternal está ensinando valor para a criança? E valores não se aprendem. Ser honesto é ensinado, tem forma de ensinar, tem forma. Quando nós falamos com um filho da gente que trouxe o troco errado e ficou feliz. Meu filho, isso está errado, isso é desonesto, você tem que devolver o dinheiro. Quando nós estamos fazendo isso, nós estamos ensinando valores. Valores têm que ser ensinado na escola, princípios têm que ser ensinado na escola. Porque se não o que a gente vê hoje, o aluno chega mete o pé em cima da mesa para falar com o professor. Como é que é isso? Os professores têm medo de ir para a aula? Agora estão pondo equipamento para identificar se o aluno entra de revólver, igual aeroporto. Já tem escola que faz isso e tem escola que os professores recusam a ir com medo de apanhar dos alunos.

A baixa auto-estima é outra coisa, também. Isso de falar para o filho você é incapaz, você é burro, você... Tem que dizer a família que isso aí prejudica demais a auto-estima e que grande parte dos delinquentes tem a sua auto-estima baixa.

Privação materna. Bowlby acha que como causa isolada, a privação materna é a mais importante nos genes da delinquência, privação materna. Falta de mãe. Porque foi dito aqui antes, porque tem um vínculo, o apego, a criança que não tem apego com a mãe, com a família, não tem apego com ninguém.

Então, quando você vê um criminoso aí falar na televisão assim: vocês viram a incensibilidade dela, chegou lá e disse: "Matei mesmo. Matei meu pai, podia matar a minha mãe, é porque vocês chegaram na hora

e não matei...". E fica assim todo mundo. "Como? Matou o pai?" Aquele não era pai dele, não. Aquele gerou. Aquele era um cara que tinha na casa dele que nunca teve vínculo de amor, nem nada.

Então, o vínculo é uma coisa importantíssima. O apego é importantíssimo, a mãe é importantíssima. E nós estamos separando muito a mãe da criança, inclusive com o ir a creche muito precoce.

Então, falam assim: "Ah, mas não pode... A mãe trabalha". Eu sei, mas nós temos que mudar as creches. As creches têm que saber que a importância do bebê para a sociedade não sabe que o período mais crítico de formação do ser humano vai da concepção aos seis anos. E seis anos, vocês todos nesta sala, a sua personalidade todos aqui foi formado até os seis anos. Vocês são hoje o que eram com seis anos.

Então, ou as providências são tomadas antes de seis anos ou o corrupto está formado com seis anos. E aí vem os fatores predisponentes. Aí miséria, desigualdade social, tráfico, armas e aí são coisas predisponente. Se ele já tem a semente da violência dentro da cabeça, se ele já tem a violência, aí é só deixar entrar os predisponentes que ele vai virar um bandidinho. Agora, se ele não tem, por exemplo, a televisão, "Ah, mas a televisão...". Ontem mesmo me perguntaram: "O senhor não acha que a televisão é um fator que aumenta a violência?". "Não". Determinante, não, porque o sujeito mal formado, a criança bem formada, estruturada pode ver a violência que quiser na televisão, ele não faz nada. Agora, esse que tem a semente da violência, que foi... Mas quando você tem a semente da violência que foi uma criança que foi maltratada, não tem apego e não tem nada, a televisão é extremamente perigosa, porque esses são os suscetíveis aos programas de televisão. Fatores entediante: Droga, álcool, arma, emoções, raiva e prazer. A semente da violência é implantada na criança antes dos seis anos. Último, acho que é o último. Não podia também dizer como é que nós devíamos atuar. Que dizer isso tudo e não dar a nossa ideia de como a gente preveniria, primeira coisa paternidade responsável. Vocês vêem que não está escrito nem planejamento familiar, nem controle de natalidade. Paternidade responsável é se você quer o filho e se não quiser o filho, tem que ter algum organismo, alguma coisa que convença as mães da importância dessa criança ser amada quando ela nascer. Assistência pré-natal para que no pré-natal isso tudo que a gente falou de apegos, tudo que foi falado aqui, a importância da mãe coçar a barriguinha e dizer meu filho e não sei o quê... E o pezinho dele aqui, o pezinho... Isso é extremamente importante, tem que ser falado no pré-natal. Agora, chega lá mede a barriga, a Senhora está com a pressão normal. Não é só isso. Nós temos que no pré-natal [soa a campainha] também.

SR. PRESIDENTE SENADOR JUVÊNCIO DA FONSECA (PSDB-MS): Não se incomoda com o tempo, não, até onde o Senhor achar...

DR. ANTÔNIO MÁRCIO LISBOA: Tá. [risos] Mas eu já estou acabando. [risos] Amamentação por quê? Eu costumo dizer, a amamentação se não tivesse nenhum valor, tem um que é fazer com que mãe e filho fiquem juntos. É o apego. Quer dizer, aí não tem jeito. Ela pode mandar outra pessoa dar a mamadeira, a mamadeira é outra pessoa. Aí não, nessa hora ela tem que ficar junto com o filho. Esse nesse junto, olha o menino, o menino olha ela, a troca de olhar e aí vocês têm a instalação do apego essencial para que esse indivíduo tenha sensibilidade, tenha amigos, tenha relação com os outros. Porque sem apego ele vai se relacionar mal com todo mundo.

Prevenção da separação mãe e filho, isso aí é importantíssimo. Agora, aí vocês vêem a doação que vem lá baixo, o lar substituto, mas aí é a adoção. Vocês vêem que os Pediatras, as crianças ficavam junto com as mães, depois passaram a ficar no berçário e a mamar de três em três horas. Os Pediatras chegaram a conclusão que essa separação pequeninha das mães, era nocivo para o desenvolvimento emocional de algumas crianças, não eram todas.

Então, o que aconteceu? Aí voltamos todos a mandar a mãe... Nasce e fica com a mãe. Por que nocivo? Como é que nós podemos aceitar a criança no local esperando a doação três meses, quatro meses, se nós sabemos que a formação do vínculo disso tudo, é importante no sentido de nós não termos a delinquência? Como é que é isso? Não pode. A doação tem que ser feito o seguinte. No outro dia tem que ter mãe, tem que ter família. Agora, "Ah, mas vai vender o rim, vai vender o cérebro, vai vender o pescoço". "Adotou, mas nós vamos visitar a Senhora todo o dia. Vai levar, mas a Senhora não vai ficar livre da gente". Tem que haver uma observância, uma vigilância, uma supervisão dos meninos que foram adotados. E outras, às vezes, falo assim: O filho adotado tem uma coisa que... Dentro desse livro que eu escrevo, que a coisa que eu acho mais estranha é que tem pais adotivos que gostam tanto dos filhos que eles ficam parecidos com as crianças. Eu tenho uma porção de criança adotada que fica igual o pai, a menina fica igual a mãe.

Então, eu costumo dizer: "Será que o amor faz até mudar a fisionomia do outro?" Porque fica parecido.

Lar substituto é outro ponto importante. Lar substituto, violência doméstica, a criança não pode ficar na família. Aqui tem um capítulo nesse livro, só sobre violência doméstica o que faz com as crianças. Tem que tirar, tem que dar uma família para essa criança. São os lares substitutos, onde ele tem que ficar e levar uma vida de família, ele não pode ficar apanhando. Porque se não ele vai ser um violento amanhã.

Pais: O exemplo dos pais. A atenção, o amor, segurança... Isso aí foi falado aqui também. Os Médicos, desde Descartes, Descartes decapitou a pessoa. Para ele, daqui para cima, são outros Médicos, são os Psiquiatras, Psicólogos, daqui para baixo é o Médico.

Então, o que está acontecendo? É que a saúde física do Brasil, de todo mundo vai muito bem, os transplantes, a tecnologia, a mortalidade infantil caiu, 9 aqui. Estava no meu tempo de recém-formado estava em 100, 120, caiu muito. E a saúde mental? Está abaixo. Porque nenhum Médico entende nada, ou praticamente nada de saúde mental. Se um perguntar a um Pediatra, "Meu filho vive agarrado na minha saia o dia inteiro", nasceu o irmãozinho, o Pediatra não sabe orientar. Ele fica só perguntando, "Ele está com diarreia? Está com febre?" Ele não sabe orientar, mesmo. Um filho birrento, ele não sabe, nesse nível. "Meu filho está me mordendo o que eu faço?". "Ah, não sei a Senhora vá um psicólogo". Pôxa, tenha paciência, porque quem está na linha de frente é o Pediatra, não é o Psicólogo. Ele tem que saber isso, lá na linha de frente por causa da saúde mental da família.

Família e escolas: Limites, disciplina, valores e auto-estima. Isso é essencial para nós termos uma personalidade sadia. Outro ponto é lazer, brincar. Hoje a criança rica, ainda mais a rica, ela vai para a aula de inglês... Tem uma pessoa que virou para mim num almoço, até foi uma pessoa que foi uma alta figura, importante aqui em Brasília, estava no Rio, e falou assim: "O Senhor é Pediatra?". "Sou". "Eu tenho uma netinha que está numa experiência pedagógica muito boa". "Ah, sim, qual?". "Ela está aprendendo inglês com oito meses". E falou assim: "O que o Senhor acha?". Eu falei: "General, eu tenho muita pena dela". Uma criança de oito meses aprendendo inglês, General, tenha paciência.

DR. SALVADOR CÉLIA: Se o Senhor me permitir, eu queria dizer o seguinte, surgiu aí nos Estados Unidos por essas redes de televisão, TV para bebês, que se descobriu que 68% das crianças até os quatro cinco anos fica em casa vendo TV. Pois surgiu TV para bebês, não para pais, para os bebês passar o tempo, muito bom tu colocar. Brincar não se fala mais, não se brinca. TV para bebês olha onde nós chegamos, Senador.

[risos]

DR. ANTÔNIO MÁRCIO LISBOA: Mas a brincadeira acabou. Então, o menino sai de casa vai para o inglês, vai para a natação, vai para o jiu-jitsu e vamos para o consultório pedir fortificante, porque o menino está ficando muito cansado. Eu falei assim: "Mas vem cá, a Senhora está dizendo que tem esse problema, mas ele trabalha o dia inteiro". "Não, Senhor". "Ele pediu pelo judô?". "Não, eu achei bom para ele. Ele pediu para ir à natação? Não ele pediu para estudar inglês com três anos?". "Não". "Então, minha Senhora, deixe ele brincar, esse cara não precisa de fortificante coisa nenhuma, ele tem que brincar, ouviu?" E a brincadeira, os brinquedos que são as coisas mais importantes na vida de uma criança estão sendo jogados para o lixo. E isso também fabrica delinquentes.

Cumprimento pelo Governo que preceitua o Art. 207, isso é o mais importante. Aquilo lá tem uma coisinha escrita assim, com prioridade. Vocês me desculpem, mas os Bancos nesse País tem muito mais prioridade do que a criança, lamentavelmente. E aí nós vamos, o que vocês quiserem, mas a nossa criança... E outra coisa muito interessante nessa minha vida de 55 anos, com todo o tipo de pessoa desde Ministro, o problema é que na apresentação pública...

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: [pronunciamento fora do microfone]

DR. ANTÔNIO MÁRCIO LISBOA: Eu tenho 80, quase 80. [risos] Mas aí, em público a criança é prioridade. Se nós fizermos uma reunião aqui agora de Deputado, Senador, Político, Médico e Advogado e falar assim: "Vou fazer esse trabalho para a criança, a semana da criança e vou dedicar dez milhões de reais". Todo mundo bate palma, "Isso mesmo, isso mesmo". Sai daqui entra na casa do lado. Eu vim buscar os dez milhões. "O que, Lisboa, dez milhões? Você está pensando que a gente...". "Mas o Senhor não disse...?". "Não, aquilo eu tive que dizer, você sabe como eu ia falar na frente de todo mundo, aquele montão, mil pessoa, o Senhor acha que não dava dez milhões". "Mas então não vai ter nada?". "Não, nós vamos ver aqui uns cinquenta mil a gente consegue". [risos]

Então, esse último é muito importante para que a criança tenha com prioridade, tudo aquilo que a Constituição Federal diz. Eu acho que foi o último. Obrigado.

[palmas]

SR. PRESIDENTE SENADOR JUVÊNCIO DA FONSECA (PSDB-MS): Eu acho que todos nós estamos pensando que estamos vivendo um momento precioso de uma Audiência Pública no Senado Federal. E que está sendo passado para o Brasil todo. Eu registro mais a presença da Prof^a. Ledja Austrilino Diretora do Escritório ULBRA em Brasília.

Bom, vamos passar as considerações dos Srs. Senadores e Senadoras. Primeiramente seria autora do Requerimento, mas parece que trocou com o autor do Projeto. Cedeu para que o autor do Projeto, o Senador Pedro Simon, fizesse suas considerações, perguntas... Eu acho que nós devíamos, o autor e a requerente fazem as colocações e se tiver alguma pergunta respondem. Depois de três em três a gente faz o trabalho de resposta.

SENADOR PEDRO SIMON (PMDB-RS): Primeiro lugar, muito obrigado. Eu quero dizer que vou sair entusiasmado daqui, não a ponto de dar cinquenta milhões ou cinquenta mil, porque eu não teria condições [risos]. Eu quero trazer, eu acho que é obrigação minha, dois exemplos que eu vivi com o Dr. Salvador Célia. O Dr. Salvador Célia é uma pessoa fantástica, vale a pena fazer uma visita a Canela, uma cidade turística do Rio Grande do Sul e ver o que ele fez. O que ele fez num bairro que era considerado o bairro mais violentos, o mais radical, o pior bairro de Canela, e ele educou aquelas crianças, criou um grupo de teatro e hoje eles têm um grupo de teatro de primeira grandeza. O índice de violência do bairro é zero. Ele criou em Porto Alegre, ele foi o homem da idéia da tudo. Tinha uma fábrica enorme, um monstro de uma fábrica que tinha falido, e ele chegou lá e fez uma proposta que no início que eu achei maluca, mas depois era sensacional. A idéia dele, imagine se os Senhores, se a gente fizesse isso nos grandes bairros, nas grandes cidades de Porto Alegre. Ali na zona norte, que era a zona mais abandonada, a mais esquecida, ele fundou uma escola de vida. É uma enorme área onde tem o pré-natal, tem as crianças estudando, tem as Senhoras discutindo, o Clube de Senhoras, o Clube dos Idosos, tem um local da delegacia, onde ali eles tiram a carteira de identidade, a certidão de nascimento, todos os negócios necessários. Tem ali todos os atendimentos que ali ele aprende a ser cidadão, ele aprende da conviver, tem escola de música, tem escola de teatro, tem escola de dança, tem CTG. Tudo que se possa imaginar, ali é uma cidade em miniatura preparando o cidadão para viver na sociedade.

Olha, é uma coisa tão espetacular que eu fico doente quando eu não vejo as pessoas, o Governo não entenderem a importância de levar uma coisa dessas a visto. A importância de ver, eu falo com essas pessoas que convivem ali, que vivem ali é outra gente. Eles discutem o destino dele, eles são donos deles. Eles debatem se querem a escola, se querem isso, se querem aquilo, as modificações, porque eles sabem o que é querem. Eles discutem as relações entre pai e filho, o que é que é, o que é que não é, porque eles aprendem. É uma coisa interessante, eu volto a repetir, é um local onde se reproduz ali toda a vida do bairro, só que ali eles aprendem a fazer as coisas como devem ser feitas. Olha, é sensacional.

E eu quero lembrar uma experiência do Dr. Salvador que eu nunca vou esquecer na minha vida, que eu nunca imaginei que era possível. A minha mulher estava grávida e de repente na nossa amizade, ele chegou e começou a conversar com a minha mulher. "Você tem que conversar com o teu filho". "Mas como conversar com o meu filho?". "Conversa com o teu filho, põe amor na tua barriga, gesticula e diz: Oi Pedrinho, como é que tu vai? Tu está bem? A mamãe está aqui contigo". Aí a Ivete diz: "Parece meio bobo...". E falou. Falou todos os dias e foi falando. Eu tenho o filme que nós fizemos, nasceu o Pedrinho, quantas horas depois?

DR. SALVADOR CÉLIA: Duas horas só depois [pronunciamento fora do microfone]

SENADOR PEDRO SIMON (PMDB-RS): Exatamente. Lá no FÊMINA.

DR. SALVADOR CÉLIA: [pronunciamento fora do microfone]

SENADOR PEDRO SIMON (PMDB-RS): É porque eu não tinha dinheiro também para ir ao outro. [risos] Chegamos lá, vem o Pedrinho... Eu peguei no colo, não é? Eu estou com ele no colo, estou conversando com ele assim, ele está prestando atenção, daqui a pouco vira para mim e a Ivete deitada no quarto. Começa a falar: Oi Pedrinho, é a mamãe, eu estou aqui querido, como é que tu vai? O filho da mãe se vira os olhos e olha para a Ivete assim. Olha, parece impossível, mas eu vi. Mas vira os olhos assim e vira para a mãe, porque a mãe estava repetindo o que dizia para ele quando ele estava no ventre. Prova que é uma grande verdade isso que ele está falando.

Mas eu quero felicitar os Senhores. Eu acho que se a gente realmente levasse adiante essa questão. Eu acho que é uma questão que hoje, recém, hoje está sendo levada a sério é a questão da criança exatamente do zero a seis anos. Repare que se tem uma pessoa que tratou melhor da educação no Brasil, apaixonada pela educação, vamos fazer justiça, foi o Dr. Brizola. O Dr. Brizola quando foi Governador no Rio Grande fez 5.500 escolas. Quando foi Governador duas vezes no Rio de Janeiro criou inclusive o CIEPs é um espetáculo em termos de educação, mas se esqueceu da criança. A escola começava quando a criança chegava no primeiro ano. E eu falei uma vez com Darcy Ribeiro e o Darcy Ribeiro parou para pensar e disse "Mas, como é que nós nunca...?". "Olha, eu tenho um amigo meu, o Salvador Célia que diz assim: Que o Projeto é espetacular, mas tem um erro mortal. Que não aborda a criança no início da idade". E ele parou e disse: "Mas como é que eu não pensei nisso? Que coisa absurda". Que eu aprendi a ver e a minha vida eu tenho acompanhado isso ao longo de tempo que, realmente, como os Senhores disseram, é o cérebro, é toda a criança que se faz até seis anos. E hoje o cara começa a receber a merenda escolar com seis anos. Até os seis anos, se come, se não come, o é que é, o que não é, não se toma conhecimento. Recém agora está se começando a entender a importância e o significado dessa idade pré-escolar.

Eu acho meu Presidente, que se essa semana que se está propondo fosse feita, mas que fosse aprofundada, não fosse... Teórica, que isso é feito tantas vezes, tantas vezes, mas se a gente, nós com Executivo fizéssemos com conseqüências objetiva, "Nós vamos querer isso, mais isso, mais isso", e tirássemos essas conseqüências da reunião seria uma grande coisa.

Muito obrigado e meus cumprimentos aos Senhores.

[soa a campainha]

SR. PRESIDENTE SENADOR JUVÊNCIO DA FONSECA (PSDB-MS): Com a palavra... Ah sim, pois não o Dr. Salvador quer fazer.

DR. SALVADOR CÉLIA: Eu só queria agradecer essas comovidas e sinceras palavras do Simon, com um certo exagero dele. Realmente, foi um grande tempo junto, muito feliz, e me lembro quando o Darcy nos visitou lá no Vida, contigo, e disse: "É a reencarnação da preocupação humanística". Foi uma coisa muito bonita que ele te disse. "A reencarnação da preocupação humanística". E queria te dizer que lá em Canela, o grande fenômeno que talvez eu tenha ajudado por ter Estado em Cuba, por ter Estado na China, ter passado em alguns países, foi ver que aquela comunidade se movimentava e tem um grande líder lá que o Prof. Constantino Orsolin que fez aquele bairro e o que eu pude fazer foi mostrar a eles, quer dizer, trazer o que tinha em Canela para mostrar que em Canela as coisas aconteciam, quando então o Guarneri se emocionou e viu tudo aquilo. Quer dizer, mérito deles. E o meu mérito foi pôr esse pessoal na visibilidade que eles mereciam. Muito obrigado Simon pelas tuas palavras carinhosas.

SR. PRESIDENTE SENADOR JUVÊNCIO DA FONSECA (PSDB-MS): O Requerimento desse audiência é de autoria da ilustre Senadora Patrícia Saboya Gomes e da Senadora Fátima Cleide. Eu recebi telefonema da Senadora Patrícia, é impossível ela estar aqui presente nesse momento. Compromissos fortes que ela tem fora, mas nós temos a co-autora do Requerimento que é a ilustre Senadora Fátima Cleide que tem a palavra.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): E até porque a Senadora Fátima Cleide sabe que a Senadora Patrícia adotou uma menininha uma fofa a Beatriz, que está doentinha, e ela está lá como mãezinha da Beatriz. [risos]

DR. SALVADOR CÉLIA: Senadora até me adianta o que os autores dizem de preocupação materna primária.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Com certeza. Essencial.

DR. SALVADOR CÉLIA: Ela tem que está totalmente envolvida, enlouquecida como toda a mãe quando tem isso, o Márcio Lisboa falou, que até quando um bebê tem algum problema, se nasce mal ou se morre, ela pode até ficar psicótica. Então realmente ela está tendo aquela coisa maravilhosa que é preocupação materna primária.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Com certeza, desculpe Fátima.

SENADORA FÁTIMA CLEIDE (PT-RO): O Presidente Senador Juvêncio, Senadora Heloísa que se anteciparam a justificativa que eu iria colocar em função da ausência da Senadora Patrícia Saboya que comigo é co-autora do Requerimento. Eu quero agradecer a presença de todos em nome também da Senadora Patrícia. Como disse a Senadora Heloísa está cuidando da Maria Beatriz nesse momento também que anda adoentadinha, e mais do que isso ela também tem o direito, que nós devemos reconhecer, de estar com a filha nesse momento como um direito de liconciamento, que infelizmente nós ainda não temos os documentos que regem a nossa vida aqui no Senado Federal, no Congresso Nacional. Inclusive, fiquei sabendo há pouco tempo que não temos sequer o direito de licença maternidade, mulheres Parlamentares. Precisamos ainda, isso mostra já tem a partida da situação da Jandira Feghali. Mas nós temos várias situações para resolver aqui no Congresso Nacional. Inclusive, com relação à vida das mulheres Parlamentares.

Mas quero parabenizar os nossos expositores. Como disse o Senador Juvêncio, é uma aula que graças a Deus está sendo transmitida para o Brasil, e que eu espero que a TV Senado repita várias vezes, porque de fato contribui muito enquanto nós não temos ainda as políticas públicas comprometidas de fato. A aula que vocês deram aqui contribuirá e muito para que as pessoas possam ter a compreensão da necessidade de termos, não apenas as políticas públicas, mas também o envolvimento da família nesse período de vida que é a primeira infância, para que a gente continue forjando hoje, os nossos marginais de amanhã.

Quero parabenizar também o Senador Pedro Simon. Eu acho que é discutível a necessidade de aprovarmos com urgência o relatório da Senadora Patrícia Saboya na Comissão de Educação que é favorável a este Projeto, uma vez que a importância dele é que ele trata, não apenas de instituir uma semana, mas que nesta semana se possa desenvolver ações de conscientização de toda a população com relação aos necessários cuidados na primeira infância.

Eu, junto com a Senadora Patrícia, pude participar ativamente da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito que investigou a questão da violência sexual entre crianças e adolescentes, e esse trabalho que foi um trabalho muito difícil até do ponto de vista emocional porque nós, a maioria mulheres, mães, avós tivemos e pudemos constatar o que já conhecíamos em tese que é a naturalização da violência praticada contra a criança nesse País. E essa naturalização ela acaba ceifando vidas de crianças e quando não, no mínimo, ceifa, leva a expectativa de uma vida plena e feliz. E isso, nos colocou também a responsabilidade de aprontarmos Projetos de Leis que visam punir essa violência. Mas é muito importante que a gente não trate apenas a punição, como disse o Dr. Antônio Márcio Lisboa, mas que a gente também previna, e prevenir no meu entendimento é, e tenho certeza que no entendimento da Senadora Patrícia Saboya também, investir com recursos financeiros fortemente em educação. E investir principalmente e tenham como sou uma pessoa que vem do Movimento Sindical desta base, da educação básica, eu sempre comprei algumas polêmicas, porque eu entendo que deveríamos valorizar e capacitar muito melhor as pessoas que atendem na primeira infância. Tanto valorizado o ponto de vista da capacitação, quanto do ponto de vista da valorização profissional, mesmo em termos de salário.

Nós invertermos a lógica que o professor da universidade que fez pós-graduação, que fez mestrado, pós-doutorado e etc., seja mais bem pago. Mas nós precisamos pagar melhor e trabalhar, capacitar, habilitar melhor cada vez mais os profissionais. Porque hoje o que nós temos na grande maioria do País com nomes de creches, não passam de depósito de crianças. Eu sempre que posso, dou o meu testemunho de pude ter a felicidade de ter esse atendimento de uma creche pública, de qualidade, mas que infelizmente hoje não existe mais no meu Estado. Era uma creche que foi construída no momento em que o Estado passou de território para a condição de Estado, tinha recursos financeiros e naquela creche você tinha todo um quadro de profissionais Pediatras, Assistente Social, Enfermeiras qualificadas, todas as atendentes extremamente qualificadas e cada uma entendendo no máximo quatro crianças. [soa a campainha]

Então, isto mostra para a gente que não é impossível, basta ter vontade política. Por isso eu acredito que nós precisamos urgentemente, não só aprovar o Projeto do Senador Pedro Simon, como também o Projeto, o PLS 281 de 2005 da Senadora Patrícia Saboya, que cria o Programa Empresa Cidadã, valorizando assim as empresas que incentivem a amamentação e a licença maternidade por 60 dias, aliás, por mais 60 dias.

Então, eu queria aqui dizer que é importante também que nós nos debrucemos para nesse momento, destravar a nossa pauta. Eu sei que tem cinco Medidas Provisórias atrapalhando as votações, mas que a gente possa fazer um esforço conjunto. E eu acho que isso é o que o Dr. Salvador Célia coloca para a gente é que essa responsabilidade é política. E a esperança que o povo tem em nós, nos clama também para que a gente possa o mais rápido possível, desobstruir essa pauta das Medidas Provisórias e votar um Projeto que eu considero de fundamental importância, que pode não ser a salvação da lavoura, mas que vai dar um passo significativo no sentido do compromisso das políticas públicas que é o Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação Básica que prevê recursos ainda que parcos. Mas a nossa esperança é que eles vão aumentando a cada ano. Melhor ter do que não ter nada, que é a FUNDEB.

Então, eu acredito que com o FUNDEB, com a ampliação da licença maternidade, com esse Projeto, nós com certeza teremos daqui a algumas décadas, né? Nós não podemos... Se houvesse isso acontecido há décadas atrás, nós não teríamos a realidade que temos de violência e de necessidade de construção de presídio como temos hoje. Eu concordo plenamente com o Senhor. Eu acredito que é o investimento na educação básica, na primeira infância, na educação da primeira infância concomitante, com também investimento na área da saúde, no pré-natal, nós poderemos transformar essa realidade social de violência, numa realidade social de paz.

Muito obrigada pela presença dos Senhores. Eu quero parabenizar também a Deputada Iraê Lucena por ter sido uma pessoa que teve a coragem e a ousadia de apresentar um Projeto dessa natureza na Assembléia Legislativa da Paraíba e que já conseguiu transformá-lo em lei.

SR. PRESIDENTE SENADOR JUVÊNCIO DA FONSECA (PSDB-MS): Com a palavra o Senador Zambiasi.

SENADOR SÉRGIO ZAMBIASI (PTB-RS): Presidente Juvêncio da Fonseca, o nosso querido Dr. Salvador Célia, grande alegria em tê-lo aqui conosco e ouvindo seus relatos e suas experiências. O Rio Grande do Sul conhece intensamente o trabalho que o Dr. Célia faz. E a visibilidade que essa experiência de Canela está tendo é uma coisa absolutamente fantástica.

Eu não pude ouvir o Dr. Laurista, mas acompanhei final do depoimento do Dr. Salvador Célia e acompanhei com muita alegria, com muito entusiasmo, com muita emoção a palestra do Dr. Lisboa. E conhecido e com inúmeros conceitos que a gente vem recolhendo no decorrer do tempo.

Nós estamos num tempo de quebras de conceitos, na realidade. Esses novos Projetos aqui apresentados, o Projeto da Senadora Heloísa Helena que chegou a criar até algumas preocupações, porque afinal começa a responsabilizar mais o Estado como instituição na proteção a criança, ele inicialmente provocou reações de alguns Executivos, como é natural. Porque o primeiro olhar, Dr. Lisboa, é aquela história, o orçamento, é sempre assim. A primeira reação do Executivo, ela é voltada para o orçamento. Como é que eu vou fazer para pagar? Ainda bem como o Simon foi Governador, Dr. Célia, ele não assustou com o orçamento da Vida Centro Humanístico que o Projeto do Dr. Célia nessa fábrica é enorme, que tem na zona norte de Porto Alegre, não sei quantos hectares.

DR. SALVADOR CÉLIA: Eu acho que são 16 hectares, 32 mil metros quadrados reconstruídos.

SENADOR SÉRGIO ZAMBIASI (PTB-RS): Bom dá para imaginar o que é um investimento destes bancado pelo Estado.

DR. SALVADOR CÉLIA: E aquilo iria ser uma prisão.

SENADOR SÉRGIO ZAMBIASI (PTB-RS): Deveria ser... Poderia ter sido uma prisão.

DR. SALVADOR CÉLIA: Poderia ter sido uma prisão.

SENADOR SÉRGIO ZAMBIASI (PTB-RS): Então, vejam só. E ainda bem que o Simon, então Governador, não assustou-se com as consequências orçamentárias. Porque se ele tivesse sido tímido, medroso ou coisa assim, o Vida que mudou completamente o conceito de relacionamento humano com uma das áreas mais... Com maior densidade demográfica de Porto Alegre, que é a zona norte, não teria aquele Centro de Referência que hoje o nome do Projeto que nasceu da cabeça privilegiada do Dr. Célia é Vida Centro Humanístico, para ter exatamente a dimensão.

Aliás, eu estou tentando interpretar um pouco aqui algumas coisas do Dr. Osmar Terra, Secretário da Saúde do Rio Grande do Sul, idealizador do Projeto, Primeira Infância Melhor, que infelizmente desprotegido do nosso Regimento não pode manifestar-se. O que nós lamentamos profundamente. Ele poderia estar aqui na condição de convidado e utilizar do espaço como convidado para relatar essa experiência gaúcha, um Programa em que a adesão é espontânea das Prefeituras. Um Projeto de parceria do Governo do Estado do Rio Grande do Sul com as Prefeituras, e tem 220 Prefeituras parceiras, incluindo já 50 mil bebês que recebem, Dr. Lisboa, em casa, a visita semanal dos Assistentes Sociais, então, daqueles parceiros que vão acompanhar, exatamente como o Senhor sugeriu aqui, a evolução do bebê, a evolução da criança.

Eu acho que é um Projeto realmente desafiador, não é uma coisa muito simples, porque é uma atenção especial que o Estado passa a dar e a expectativa é atingir [soa a campanha] 100 mil crianças lá no Estado.

Quer dizer, é um Projeto realmente grande que de repente pode atender a um conceito que a ONU estabelece e que está anotado, não foi por mim, da Unesco, perdão, da Unesco, que diz que se a guerra nasce na mente dos homens, é na mente dos homens que devem ser erguidas as defesas da paz. E outro ponto abordado aqui que eu concordo plenamente, refere-se a uma questão que eu venho defendendo intensamente aqui nessa Casa que é a paternidade responsável. E acho que até então há muito conceitos e muitos preconceitos com relação a participação do homem na paternidade responsável. E discute-se muito a questão da mulher, mas o homem tem que ser incluído nessa discussão urgentemente. E dar meios e dar acesso, que tipo de meio, Dr. Célia? Informação. A informação é a maior ferramenta para a gente superar esses tipos de preconceitos.

DR. SALVADOR CÉLIA: E tu que é da rádio sabe muito bem, né?

SENADOR SÉRGIO ZAMBIASI (PTB-RS): Eu sei o que é isso. A informação ela é fundamental. Nós vamos exatamente trabalhando esses conceitos através da informação nos veículos de comunicação que são parceiros, são os primeiros parceiros nesses programas. Nas escolas como tema, deveria constar como matéria quase que obrigatória esse tipo de informação para que a criança pudesse até levar para casa esse debate com seus pais.

Eu acho que a questão da paternidade responsável, ela é fundamental. Nós temos levantamento que impressionam de ter um milhão de jovens que anualmente geralmente um milhão de crianças, meninas de 12, 13 anos de idade. mães precoces que trocam a sua infância pela maternidade. Isso é extremamente sério. Quando uma criança de 12, às vezes, 11, 10 anos de idade ela troca a sua infância pela maternidade. Isso é uma questão de alta relevância, é onde a ação do Estado, ela é extremamente importante e ela nem sempre está presente. Por isso a importância de uma Audiência Pública, Senador Juvêncio da Fonseca, com essas características que traz a público e permite que a gente possa debater e buscar, enfim, soluções práticas para essas questões.

Mas eu fico nesse aspecto. O aspecto da paternidade responsável, que ainda é vítima de muitos preconceitos especialmente com relação ao homem. Porque a mulher tem dentro de si a natureza da maternidade. Desde a mais tenra idade, ela já com a boneca, ela é mãe. O homem não.

Então, nós temos que ir...

DR. SALVADOR CÉLIA: Senador, nós estamos estudando hoje que existe depressão paterna. Os novos estudos estão mostrando que se a mulheres vai de 20 a 23 em cada 100, os pais fazem 10% mais ou menos dos pais.

Então, nós temos que nos preocupar muito com isso que está chamando a atenção, do papel do pai e atender o pai.

SENADOR SÉRGIO ZAMBIASI (PTB-RS): Atender o pai. Eu acho que é muito importante oferecer um tipo de orientação para que o homem que ainda tem um aspecto muito machista na discussão, para que ele se incorpore nessa discussão como parceiro, e não como adversário, não como sujeito que não pode ouvir, ou não pode discutir, ou não tem sensibilidade para discutir essa questão. Eu acho muito relevante, quero parabenizar aos nossos palestrantes aqui que vieram nos trazer lições que vamos levar para as nossas vidas. E eu tenho certeza que a imprensa, TV Senado, vai saber reproduzir este momento com a intensidade necessária para que esse debate se estenda e levar até lá, onde muitas vezes essa discussão fica sufocada. Eu estou realmente muito contente com isso, não estou fazendo algumas, estou apenas estendendo um comentário sobre as experiências do nosso cotidiano.

SR. PRESIDENTE SENADOR JUVÊNCIO DA FONSECA (PSDB-MS): Obrigado, Senador. Eu passo a palavra a Senadora Heloísa Helena a última inscrita até o presente momento.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Desculpe, Presidente.

Bom, primeiro, claro é até redundância eu tentar elogiar o Senador Pedro Simon, porque sabem todos o carinho e o afeto, respeito que por ele tenho, e saldar, de uma forma muito especial, tanto a Senadora Patrícia como a Senadora Fátima Cleide que propuseram essa Audiência Pública. Porque, às vezes, o Parlamento estabelece requerimentos para audiências públicas para obstaculizar a votação de determinadas matérias. No caso das Senadoras e da Comissão quando assim decidiu, é muito mais para dar visibilidade ao debate, para trazer profissionais, representantes de entidades sociais, militantes dessa causa para ao dar visibilidade ao tema, de fato fazer a aprovação do Projeto do Senador Pedro Simon não por um artificialismo, não pela legalidade qualquer. Mas dando visibilidade, sensibilizando a sociedade, trazendo as pessoas para a reflexão de um tema que é usado politicamente. Nunca ninguém verá uma personalidade política, da direita ou da esquerda, honesto ou desonesto, dizendo que não tem compromisso com criança. Nunca ninguém verá. É por isso, nunca, porque o pior dos bandidos, o mais delinquente o mais vigarista, quando ele tiver fazendo um comércio ou fazendo um programa, ele vai se comprometer com a criança. E isso até torna o debate, dá ao debate um tom de vulgaridade que ele não merece ter pela importância que tem.

Então, a questão da criança que a gente fala de zero a seis anos, mas que do ponto de vista das conexões neurológicas, do desenvolvimento do córtex cerebral que vai até dez anos, mas já que nós estamos tratando aqui dessa partezinha tão especial da vida de uma pessoa, tão especial, que eu digo sempre que algumas pessoas vivenciam a dor, a miséria, a pobreza na infância e de alguma forma consegue superar na vida adulta. Mas são poucas e como eu digo sempre, essas poucas não são abençoadas por Deus, até porque Deus jamais escolheria uma ou outra isoladamente para abençoar pelo amor e plenitude que tem por todas. Mas uma ou outra, por uma circunstância da vida, acaba se salvando, acaba se destacando, acaba ocupando instâncias importantes com visibilidade pública, mas as cicatrizes que lá ficam na alma, no coração de uma dessas crianças, dificilmente eles conseguem ao longo da vida superar.

E o que eu acho mais grave é porque, nós estamos num momento da realidade brasileira que, ao mesmo tempo que a gente diz, o Estado Brasileiro tem que adotar as suas crianças e seus jovens antes que o narcotráfico a prostituição os arraste para a marginalidade como último refúgio, porque arrasta mesmo. Eu não tive a oportunidade de aqui estar presente, porque eu estava fazendo um outro trabalho, mas ouvindo as outras duas outras exposições e só peguei a de Dr. Antônio aqui presente, mas ao mesmo tempo em que nós temos

que ter as políticas públicas para adotar as nossas crianças antes que o narcotráfico os adote. Porque não são todas as crianças pobres, a gente sabe disso. Até porque existem crianças pobres, mães pobres que disputam com o narcotráfico e com a marginalidade que é uma coisa das mais belas que se pode ver. Elas seguram lá os seus menininhos e é o narcotráfico puxando, é o crime organizado puxando, ela vai brigar na rua e está lá segurando o seu menininho, porque se todas as nossas crianças pobres, Ivete, já tivessem sido arrastadas, nós estávamos numa situação impressionante. E sabemos todos nós que é quem faz a desova dos grandes estoques de pasta base de cocaína, aqui não tem intestino de pobre favelado, de estômago de pobre favelado com o saquinho de cocaína que pudesse dar conta das desova dos grandes estoques como faz no Brasil. Porque quem tem iate, avião para transportar pasta base de cocaína, quem tem laboratório para manipular a matéria-prima e que fabrica droga sintética, é gente grande poderosa. E que usam os pobres e que usam as meninas e menininhos exatamente como o Zambiasi disse. [soa a campainha]

Só para concluir Senador Juvêncio. O menininho e a menininha antes de ser a Maria, o José, o Pedro, a Heloísa, quem quer que seja, o menininho e a menininha, ele vira avião, estica, olheiro, falcão. E o pior é que é tanta coisa. Uma atrás da outra, como o Dr. Antônio dizia dos jornais, que uma semana ficamos todos nós emocionados vendo lá o vídeo "Falcão". Aí todo mundo se preocupa com as crianças, aí diz: "Ah, quando eu vi aquele menininho dizendo que quando queria crescer queria ser bandido...". Claro. Porque o bandido é o que dá a segurança para ele. Se o Estado brasileiro não dá segurança para a menininha e para o menininho quem dá a segurança é o poderoso de lá. Aí, numa semana ficam todos nós emocionados, querendo que o menininho e a menininha tenha arte, cultura, esporte, brinquedos, lazer, a possibilidade de ser criança antes de ser adulto, porque não são crianças, não são. Porque a inicialmente sexual, a iniciação as drogas, a iniciação a violência aprende não é com um revolverzinho de brinquedo, aprende com um revólver de fato, porque ter o revólver de fato, saber manipular um revólver é o que dá o respeito, até para as meninas que começam a olhar os menininhos que são olheiros, e falcões e estica, muito mais com mais ternura para eles, porque é a vida que está lá estabilizada.

Então, na mesma, nós mesmo, a mesma sociedade que se emociona uma semana diante do vídeo "Falcão", quando é um mês depois, quando está um maldito "mar de sangue" em São Paulo pela mais absoluta ineficácia, ineficiência, insensibilidade em relação à questão da segurança pública e da violência, aí vai dizer: "Tem que ter pena de morte, tem que botar o menino, mesmo que seja pequeninho, tem que baixar a faixa etária, e entra com tudo para dizer que tem que matar, tem que ter pena de morte, tem que encarcerar."

Então, como nós da área da segurança pública, eu não acredito mais que o debate da área da segurança pública, ele pode ser só o tratamento das causas isoladamente. Eu acho que hoje a matriz conceitual para qualquer Projeto sério de segurança pública, não demagógico, que tenham ações concretas a curto, a médio e a longo prazo, mas com metas definidas porque senão... Nada me irrita mais quando diz: "São 500 anos de opressão". Eu digo, "Eu sei meu filho, mas se a gente não fizer nada, daqui a 100 os outros vão estar dizendo... 'são 600 anos de opressão, são 700 anos de opressão'".

Então, eu acho que hoje tem que ter ao mesmo tempo o tratamento das causas e a repressão dos efeitos. E até a recuperação dos adultos, que quando a gente fala de acolher, da família acolher a menininha e o menininho, hoje existem tantas mulheres e homens que as relações, já tiram tudo dele, tiraram da afetividade dele, tiraram do coração dele, tiraram muita coisa dele, também. Muitas vezes a gente pega... Quem é voluntário e trabalha com criança de rua, pega um menino na rua que está lá se esfaqueando, leva no pronto-socorro para dar os pontos, depois pega uma briga com o menino e leva ele para casa. Quando ele chega em casa, Simon, aí está lá: Que não tem o colchão porque é dentro da lama, os ratos disputando espaço com ele, o pai ou o padrasto ou o quinto pai da casa alcoolizado, a mãe alcoolizada também.

Então, nós temos que, ao mesmo tempo também, [soa a campainha] mesmo quem está lá no presídio, imagina se o Estado Brasileiro não trata, não acolhe também o homem e a mulher que está no presídio, num País onde se tem a ousadia de um chefe do crime organizado chamar o que é de fato, chamar o presídio da faculdade, porque quem comete o crime é encarcerado, não conforme o crime que cometeu ou o grau de periculosidade, é encarcerado conforme a facção que pertence. Aí o pobre que chega lá, roubou besteira, está lá com os filhos em casa morrendo de fome, não pertence a facção nenhuma, quando ele chega lá... Bom, se ele não pertence a facção nenhuma fica em qualquer lado. Como o Estado não o protege dele ser estuprado todo o dia, violentado todo o dia, ele vai pedir a proteção da facção criminosa e aí a facção criminosa cobra dele dessas coisas, também.

Então, é só um problema a mais, eu estou falando isso, mas do mesmo jeito de--

SR. PRESIDENTE SENADOR JUVÊNCIO DA FONSECA (PSDB-MS): Seria interessante que a Senhora abreviasse a conclusão.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Concluisse. Tá. Apesar de todo esse quadro gravíssimo que se encontra, e certamente muitas pessoas que acreditam no fatalismo do fim da história, certamente ao ouvir as propostas que aqui foram colocadas, ou que qualquer um de nós aqui coloque, certamente alguém vai dizer: "Mas, isso é impossível. Ora, como é que vai fazer pré-natal? Como é que vai cuidar da criança..."

Então, cada vez que a gente decreta que a vida, a dignidade, o amor em plenitude é impossível, mas ela se torna impossível. Então, é por isso que eu acho muito importante que nós que estamos aqui, acreditamos que é possível, acreditamos. Alguns de nós acredita muito mais, porque quem consegue acreditar até em algo que não pode ser tocado e localizado geograficamente com certeza tem muito mais fé.

Então, eu só queria parabenizar a todos os expositores, a minha querida companheira, amiga, a Senadora Patrícia Saboya, a nossa querida Senadora Fátima Cleide de uma forma muito especial, o Senador Pedro Simon. Quero saldar também o Deputado lá do Rio Grande do Sul, que é outro preocupado com isso, eu já peguei muito material, o Senador Zambiasi já deu material dele, é outro preocupado com essa história. Essa questão tão importante da infância. E todos nós que somos mães. Eu tive uma dupla sorte, que eu fui mãe e ainda fui mãe de leite, coisa de gente mesmo do interior que ainda amamentei [soa a campainha] uma menininha também e outras crianças, também.

Então, eu acho que é muito importante isso e é importante também deixar claro, Simon, meu querido Senador Pedro Simon, que todas as alternativas que aqui foram propostas, mesmo aquelas que aparentemente lidam com uma complexa subjetividade humana, ou com ações concretas e eficazes, elas podem ser feitas. Isso que é importante. Aqui todos nós sonhamos, pensamos no futuro, temos concepções ideológicas diferentes, mas todas as ações que aqui foram propostas, elas são possíveis de serem feitas. Elas já foram experimentadas. Tenho que dizer isso, porque senão o povo não acredita mais em nada. Elas já foram experimentadas, elas são propostas concretas, ágeis, eficazes. Tem um impacto financeiro insignificante diante do impacto social que se pode fazer. Porque se o Estado brasileiro se reduzisse 0,0002% a taxa de juros, nós poderíamos garantir escola integral de qualidade para todas as crianças até 17 anos. Crianças e adolescentes, imagine quando nós estamos tratando de zero a seis anos.

Então, eu quero parabenizar. Me desculpe ter me estendido, Senador Juvêncio, mas eu quero parabenizar a todas as exposições que foram feitas e de uma forma muito especial ao meu querido Senador Pedro Simon por uma proposição tão importante como essa.

Então, eu tenho certeza que nós estamos aqui todas cheias de muitas coisas para fazer, mas tanto a Senadora Lucia Vânia como a Senadora Maria do Carmo, estávamos aqui... A Deputada, estamos aqui todas comentando e tratamos desse tema 500 vezes. A Senadora Lucia Vânia deve estar rouca de tanto falar sobre essa questão também no Plenário.

Então, é só realmente saldar e parabenizar com entusiasmo essas exposições que foram feitas.

SR. PRESIDENTE SENADOR JUVÊNCIO DA FONSECA (PSDB-MS): Obrigado, Senadora. Nós vamos... Porque não houve nenhuma pergunta, nós vamos dar uma rodada final de cinco minutos para as considerações finais. E invertendo um pouco a ordem. Nós começamos com o Prof. Laurista, vamos começar agora com o Dr. Antônio.

DR. ANTÔNIO MÁRCIO LISBOA: Primeiro lugar, geralmente quem assiste as reuniões é quem não precisa. Quer dizer, só vem quem tem interesse. Agora, infelizmente quem deveria estar presente, porque são aqueles que tem o poder, o mandam, esses não vão. Mas isso eu tenho a impressão que é na área médica, é em qualquer área que existe, não é na área Parlamentar. E eu acho que a gente tem que lutar. Eu estou com quase 80 anos e estou aqui com vocês. Estou lançando... Já lancei 10 livros e vou lançar esse que sobre "A primeira infância e as raízes da violência" que são coisas que a Senhora falou, que o Senador falou, que o Senhor falou, várias pessoas falaram, porque esse tema tem adoção que é um capítulo, tem o apego que é outro capítulo, tem coisas que serviria para a gente ficar aqui 15 dias discutindo cada item desse.

Agora, uma outra coisa que a Senhora falou. Eu lembro que teve um governante de Brasília, eu era Pediatra dos filhos, e eu falei isso tudo, tem uns 15, 20 anos, tem muito tempo. E eu falei sobre... "Quem sabe a gente não começaria um Programa...", e apresentei esse paternidade, isso igualzinho aí o da adoção. Ele virou para mim e disse assim: "Lisboa, esse programa seu vai levar uns dez anos". Eu falei, "Não fulano, você está muito enganado". "Você acha que menos?". "Não, eu estou fazendo uma proposta de 30 anos para a gente começar no seu Governo. Mas vai melhorar daqui a 30 anos, é isso que eu acho". E outra, que a gente tem que

ver, vai na polícia, "Vamos punir e corrigir a banda podre". Muito difícil, quase impossível. O bandido fardado, o Médico bandido, o bandido togado, o Parlamentar bandido, esses todos têm... O bandido, bandido, vocês têm que imaginar que todos são da mesma fonte. Todos eles são indivíduos, uma personalidade mal formada com distúrbio de comportamento que é feito até os seis anos. E independe de quem é.

"Então, vamos corrigir os policiais". Não, tem que corrigir aquela criança que vai ser policial, porque se não ela vai aumentar a banda podre. Outro ponto aqui que também foi muito falado, três aviões a jato desses modernos pagam a imunização das crianças do mundo inteiro. Custo de três aviões a jato.

Então, tem três Países que fazem mil aviões a jato e tem Países pobres que não tem dinheiro para fazer vacina. E aqui no Brasil o que é que houve? Houve um governo que resolveu fazer as vacinas e há 10 anos nós estamos sem paralisia. Houve uma decisão política. Agora, vão tirar dinheiro dos hospitais e vão comprar vacina. E o que é que acontece na área social? Mesma coisa da saúde. Não tem dinheiro para a prevenção, tem dinheiro para curar. E tem dinheiro para quem? Para esse que está preso aí criminoso, que gasta mil e setecentos, dois mil reais por mês. Eu soube até que tem um CAJE aqui em Brasília que estão pagando cinco mil reais por cada menino preso, para cuidar desse menino. E, meus amigos, resolver o problema do adolescente infrator chama-se UTI social. Ela custa dez vezes mais caro do que qualquer UTI para cuidar de gente com infarto, qualquer coisas que vocês pensam, recém-nascido, doente, nem nada. Porque UTI social é pegar a cabeça de um menino de 13, 15 anos que já matou alguém, já roubou 20 vezes e fazer esse indivíduo passar a ser um cara honesto. Isso é um negócio muito difícil. Não é nessas jaulas que tem aí de criança e que vão recuperar. [soa a campainha].

E por último é um Projeto que vem falado, isso eu já escrevi nos jornais, já escrevi vários capítulos, baixar a idade das crianças de 18 para 16, isso é a maior loucura que pode ser pensada. Porque os reformatórios não cabem mais gente, nem nada. Quer dizer, eles vão pegar e botar lá dentro para as faculdades, para eles se transformarem de pequenos bandidos em grandes bandidos. Então nunca. Baixar a idade [inaudível] é a última coisa que a gente deve estar pensando. Obrigado.

SR. PRESIDENTE SENADOR JUVÊNCIO DA FONSECA (PSDB-MS): Com a palavra o Prof. Laurista Corrêa filho.

DR. LAURISTA CORRÊA FILHO: Obrigado. Bem, eu acho que durante toda a nossa vida como Pediatras, e agora que a gente está participando, já participamos muito graças também ao entusiasmo do Dr. Lisboa nos imbuí de ir salvar fisicamente as crianças e depois de taticamente 91, 92 nós passamos a tentar salvar, não só fisicamente, mas tentar salvar a saúde mental dessas crianças.

Nós queremos crer que na maioria das vezes o que nós temos visto, como condição de tratamento, de cuidados, os maus cuidados são feito por pessoas que não tem conhecimento. Nós temos que ter toda a certeza que, às vezes, as pessoas que são mal cuidadas não têm o conhecimento. Felizmente, nesse nosso século que nós estamos tendo a oportunidade de ter todos esses conhecimentos que foram aqui mostrados, não dá mais para nós escondermos as coisas. E enquanto o Estado, enquanto nós que somos os cuidadores, que deveríamos ser os facilitadores deste meio, nós não podemos mais falhar. Esse conhecimento está disponível, infelizmente, nem todos vão a procura desses conhecimentos, e uma das coisas que a gente vê e com muita dor no coração são as oportunidades perdidas que nós vimos aqui. As oportunidades perdidas e as experiências bem sucedidas que o Prof. Salvador Célia nos falou aqui. Essa é uma experiência simplesmente num dia de vacinação observar como aquela mãe vem, esse trabalho que é feito por lá em Canela, isso é uma experiência bem sucedida e que tem que ser imitada por muitos. Por que não há essa divulgação?

Então, é um conhecimento que não foi passado, essa etapa, a etapa mais importante da vida, que começa na concepção que nós vimos aqui hoje. Essa etapa da vida intra-uterina que nós descobrimos há pouco tempo graças a tecnologia, graças ao estudo das pessoas que nós vimos que tem um tempo. Nós sabemos que a violência, ela não é decretada por um gene, o nosso irmão, o nosso próximo, ele não vem carimbado que vai ser violento. Essa construção é feita dentro do útero e nesses primeiros seis anos.

Então, nós sabemos hoje as causas, as raízes da violência. E já foi dito aqui, estamos querendo construir cada vez mais presídios. Vocês têm mais acesso saber quanto custa, se é quinze, se é vinte milhões quanto custa um presídio. E quanto custa uma creche bem feita? Com tudo que se sabe hoje e que o Deputado Osmar Terra teve a oportunidade de trazer quando trabalhou com a comunidade solidária, o Prof. Huber Montanhê(F), uma das pessoas que mais entende de desenvolvimento infantil da França. E hoje quando ele

vem ao Brasil, ele pergunta: "E a comunidade solidária o que é virou?". Eu digo, "Acabou". "Eu não acredito. Eu não acredito.", ele passou horas, deu o dele, mas diz que nós temos que tentar sempre. Então esses nossos irmãos que nós vemos na nossa frente e que não tiveram a oportunidade, que eles não morreram no primeiro ano de vida, não morreram no segundo, porque gravidez não desejada, talvez o quinto, sexto ou o sétimo filho, que o marido estuprou a própria mulher, ele passou uma vida intra-uterina difícil e continuou sem ter uma gestação extra-uterina, ele é um sobrevivente. Ele tem nome, Fernandinho Beira-mar, Elias Maluco, eles não vieram carimbados, eles não vieram com o carimbo do seu gene o que eles iam ser. Mas quantos não virão? É muito difícil. Já foi falado aqui em números. A Senadora Heloísa Helena falou quanto custa, todos vocês sabem quanto custa. [soa a campainha] E a prevenção e a intervenção quanto mais precoce hoje nós sabemos que é esta interação que às vezes, não custa nada em dinheiro, custa em quê? Passar o conhecimento, a formação das pessoas.

Então, isso é muito importante. E esse bebê é tão importante que nós estamos aqui hoje a Presidente da Associação Brasileira de Estudos sobre o Bebê, a Dr. Regina Orth, e que nós temos trabalhado assiduamente com todas as dificuldades, porque não vendemos remédio, nós tratamos de saúde, uma saúde diferente, que é a prevenção. Só que com todas as dificuldades para fazer uma reunião, mas nós temos que continuar, porque nós não temos laboratórios, não temos patrocínio. E muito pouco o Estado tem feito, quando tem condições de fazer, com o mínimo que é possível. Sabemos da dificuldade da gravidez da adolescência. Porque é que estamos com uma média? E média é falácia. 23%, lugares tem 30% e a tendência é aumentar. E qual é a faixa etária? De 14 e 19, mas crianças. Essa é a gravidez desejada? Quantos milhões nascem, no Brasil, 3 a 3 milhões e meio de habitantes, um Uruguai por ano. Dessas gravidez se puser 20% são 700 mil crianças que nascem de gravidez na adolescência. O que vão ser essas crianças? Nós podemos imaginar. Obrigado.

SR. PRESIDENTE SENADOR JUVÊNCIO DA FONSECA (PSDB-MS): Com a palavra o Dr. Salvador Célia.

DR. SALVADOR CÉLIA: Bom, eu estou muito emocionado, sensibilizado por ter tido essa escuta de vocês e sei que isso vai ao Brasil essa responsabilidade, como disse o Márcio, lamentavelmente quem está aqui já acredita nisso. Mas pelo menos talvez a gente tenha colaborado, porque vocês não podem estudar essas coisas que a gente estuda, vocês não tem tempo. E é falha nossa não saber divulgar.

Então, muitos políticos não fizeram coisas, porque nós não nos abrimos. Nós não saímos da universidade, nós não saímos para trazer essas coisas para vocês, para vocês levarem adiante. Eu diria assim de tudo isso: Todos os bebês têm direito a uma cultura. E a criação dessa cultura antiviolença passa pela estruturação do apego, aquilo que eu falei do vínculo do bebê poder ter bons cuidadores, olha a nossa responsabilidade. Porém, isso precisa tempo, precisa de uma conscientização e o Deputado Osmar Terra com o seu belo Projeto, nos trouxe recentemente um Prêmio Nobel de Economia, que veio falar sobre educação infantil, sobre bebês. E ele disse que cada dólar gasto com um bebê, salva oito depois na vida adulta. E quando eu disse para o Simon que me convidou, eu disse: "Nos custa quarenta dólares - era um dólar, um real uma criança em vida - quanto paga a FEBEM?". "Quatrocentos". E eu perguntei para ele: "E tu recupera? Nós temos que acabar com a FEBEM". "Tu é louco?". Eu disse, "Vou botar fogo na FEBEM", um dia disse para ele. "Ah, tu é louco, tu é psiquiatra". Quer dizer, tem que acreditar nisso aí, tem que acreditar.

Então, isso precisa de uma conscientização, como a gente vem trabalhando. São sete anos em Canela, eu acho que aos poucos a comunidade começa... Cada Governo Municipal, cada vez mais tem colaborado, a Vice-Prefeita, o Prefeito tem sido extraordinário, e eu diria, então, assim que é dessa mobilização pela informação, vocês precisam ter informação, também. O povo precisa ter informação. E eu disse, com 10 centavos no dia da vacina, muitas mães que tinham bebês com uma certa dificuldade, não cantavam, não tocavam, não massageavam o bebê, com um xerox, cumprimentando ela no dia da vida, que é levar o filho a vacina, os bebês vêm todo arrumadinho. Cuidem isso no Brasil. Também em Canela, as pessoas levam, foi muito bacana isso, porque aí não vai pela doença, vai pela saúde e a gente pode descobrir alguns problemas que estariam ocorrendo.

Eu diria então que para isso tudo me vem o direito a maternagem. Sim. Lá em Canela a gente na Semana do Bebê, uma proposta do Dr. Odon, nós levamos, viu Simon? Nas escolas de Canela, nós vimos cada vez na Semana do Bebê, 2.500 adolescentes, nós tiramos o professor, porque o professor é muito careta, eles não gostam de sair da sala de aula. E nós colocamos estudantes de medicina, porque são adolescentes que

nem eles, para não dar aula, viu Senador Zambiasi? Para conversar com eles. Oficina de sexualidade. Andava em 26% lá, o problema da adolescência, 26%. Está em 22. Não por causa da Semana do Bebê, porque a comunidade de Canela, a Secretaria de Saúde de Canela, a Secretaria de Educação trabalham muito, e nós somos só sensibilizadores disso tudo.

Então, o direito a maternagem, a mulher, nesse momento, principalmente o primeiro filho, já não me refiro mais nem só a mãe, viu Senadora Heloisa? A mãe adolescente tem uma nova posição, muda a identidade, a pessoa deixa de ser filha para ser mãe. Isso não acontece assim no mais, deixa a gente muito transparente, por isso que a transparência deixa muito vulnerável, isso que o Simon disse que a mulher dele fazia isso, conversava, tocava, ele também conversou com o filho, porque ele não contou isso, o filho por ele falar, quando olhou quando veio a voz masculina, porque os bebês primeiro reconhecem mais a voz feminina porque é mais aguda, olhou para ele, aí foi sensacional. Era uma voz... E também tem tudo isso.

Então, lá, vamos dizer assim, a gente está vendo que o adolescente podendo falar com os estudantes, ficou muito melhor. O estudante de medicina com os outros estudantes.

Então, esse pré-natal todo, que não só da mãe adolescente, que pode ser seis, oito vezes, se a mãe não mostrar... Porque, na verdade, nesse momento do pré-natal, a mãe vai falar não só do futuro bebê, vai falar do bebê que ela foi. Ela está muito vulnerável e vai depender da relação que ela teve com a mãe dela.

Então, ela vai falar, ela está transparente, ela vai falar do bebê diz a Monique Bydlowski uma francesa que o Laurista trouxe aqui, vai falar do bebê que ela foi, da criança que ela foi.

Então, o pré-natal é fundamental até para descobrir lá a depressão pós-parto. Nós temos que chegar na depressão pós-parto lá no pré-natal.

Então, nós temos que mostrar para aos pré-natalistas, às enfermeiras que trabalham com o pré-natal que isso tem que mudar. E nós temos que agradecer a Lady Di, porque a Lady Di foi para a televisão e disse: "Eu não queria tocar nos meus filhos, eu queria sumir, não sei o que fazer com os meus filhos". Aí o pessoal do Reino Unido foi estudar escalas de depressão pós-parto que nós conhecemos bem.

Então, esse direito a maternagem nesse momento, o direito a paternagem, o direito a paternidade que nós temos cada vez que descobrir, o direito a ter um parto sem cesária. Lá em Porto Alegre não é diferente de outros lugares. As camadas que têm mais apoio social e econômico é 78% o parto lá, Senadora Heloisa. É uma combinação dos Ginecologistas com as mães. Isso não pode ser assim. Nós temos que redescobrir essa coisa do nascimento, do parto e o direito a infância. Não querer que os bebês, por a gente saber que são inteligentes, estudem inglês, francês essa hora. Tem tempo para isso. Não fazer também com que os bebês sejam negligenciados, eles têm o direito de brincar, de ter a infância, e aí a violência provavelmente vai diminuir só que isso precisa criar uma cultura. E essa cultura que o Mandela nos disse, precisa ser uma comunidade, tem que passar para a comunidade. E isso é a própria comunidade se tornando agente terapêutico, isso é que eu espero.

Quando eu passei qual *slide* da estátua... Eu vou lembrar uma outra coisa que nós fizemos numa outra Semana do Bebê, nós passamos "Tiros em Columbine", aquele famoso filme do Mike Moore, aqueles meninos que sofreram todos os problemas, mataram outros meninos, Senador, todos tinham tido uma infância muito terrível. Pois existe uma cidade nos Estados Unidos o Little Rock que tem um avião bombardeio que todos os caras, alguns vão lá tirar foto para mostrar... Esse foi um avião que na noite de 23 de dezembro de 1972 mais matou vietnamitas e as pessoas tiram fotos. Nos veio a idéia de passar o filme "Tiros em Columbine" para mostrar o antídoto, que é investir nos bebês, na paz, e aí nós fizemos a estátua da mãe e do bebê. Um bebê bem recebido, um bebê bem acolhido, um bebê que tem essa maternagem, que tem essa mãe sensível, um cuidador quando não tem essa mãe, que tem o avô, tem avó. Eu pude visitar a China. Se não fossem os avós, Senadora, a China não estaria sobrevivendo. Os avós salvaram e nós temos nôno, a nôna, ôma, opa... Nós temos japoneses. A depressão pós-parto no Japão tem menos prevalência porque a mãe está ao lado da mãe, a avó está ao lado da mãe... Já em Tóquio está ficando muito ocidentalizado. Já os índices já cresceram.

Então, eu queria dizer o seguinte: Que nós temos que fazer a cultura da paz e a paz é o antídoto da violência, e isso eu me lembro do Sr. Francisco Camargo quando ele cheira o bebê e tira foto do bebê. Quando ele conta assim e mostra que ser pobre, como vocês falaram aqui, como o Márcio Lisboa falou, não está na pobreza, a pobreza é só um fator que pode piorar, é a desestruturação da família, mas existem muitos vínculos. E ele mostrou que precisa ter fé e esperança, e no Brasil nós perdemos a fé e a esperança e vocês que estão aqui têm que fazer nós recuperarmos, conhecendo essas coisas que nós dissemos para vocês, o que vocês sabiam e mais um pouco, vocês têm que fazer com que a gente acredite em vocês, os políticos. Porque é um povo sem fé, um povo sem esperança, como diz o nosso Sr. Francisco Camargo, ele sempre acreditou e deu

esperança, e ele é o pai da resiliência, o Sr. Francisco Camargo que foi apoiado pela D^a. Helena Camargo. Porque quem viu o filme sabe, quando aquele empresário levou os filhos, ela dizia: "Eu quero os meus filhos de volta, porque aí teve família", e "Família com amor, onde tudo começa", foi o tema da Semana do Bebê.

Então, é como diz o Sr. Francisco Camargo: "É o apego?" E diria o Bowlby, eu diria, "É o amor". É o amor. Obrigado.

[palmas]

SR. PRESIDENTE SENADOR JUVÊNCIO DA FONSECA (PSDB-MS): Senador Pedro Simon, veja que o seu Projeto trouxe para nós aqui no Senado Federal, um momento muito rico. E que traz para nós a certeza de que não vamos perder a esperança. Que tem pessoas como aqueles aqui desfilaram com seus temas. Temas preciosos de orientação para a família brasileira, e eu tiro alguma coisa, rapidamente, mas tiro alguma coisa. Por exemplo, é triste ver a afirmativa que foi feita aqui de que o celular é um símbolo hoje da violência invertidamente os valores realmente das razões dessa violência. Foi assim uma figura muito importante colocada. E que faz a gente pensar na criança.

Eu colocaria também a questão que foi colocada aqui, do paternalismo do Estado através de assistencialismo, sem desenvolvimento e que o povo precisa e tem responsabilidade. Foi também uma afirmativa muito importante, mas o que nos preocupa muito, professores, é o contingenciamento de recursos para a saúde e para a educação, principalmente, nesse País. É triste ver que os recursos que são colocados nesta área são tratados igualzinho às outras áreas. Contingenciamento.

Mas, palestra como essa que faz com que a gente encha o coração de referências éticas. Referência ética da família e da sociedade que é a que nós precisamos tanto. E isso nós assimilamos com o Projeto como esse do nosso querido Senador Pedro Simon, pelas palavras dos Senhores que nós agradecemos muito. Acho que a família brasileira ganhou muito hoje com essa Audiência Pública.

E eu declaro essa audiência encerrada.[palmas]

Sessão encerrada às 13h07.

Publicado no Diário do Senado Federal, de 27/6/2006.